



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

A FESTA DE SÃO TIAGO EM MAZAGÃO VELHO: proposta metodológica com aulas-oficinas para o Ensino de História Local

Macapá – AP
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA

ALINE TAVARES MONTEIRO

A FESTA DE SÃO TIAGO EM MAZAGÃO VELHO: proposta metodológica com aulas-oficinas para o Ensino de História Local

Dissertação apresentada ao Colegiado do Mestrado Profissional em Ensino História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Mestranda: **Aline Tavares Monteiro**
Orientadora: Profa. Dra. **Simone Garcia Almeida**

Macapá – AP
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

M775 Monteiro, Aline Tavares.

A Festa de São Tiago em Mazagão Velho: proposta metodológica com aulas-oficinas para o ensino de história local / Aline Tavares Monteiro. - Macapá, 2022.

1 recurso eletrônico. 94 folhas.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-graduação em História, Macapá, 2022.

Orientador: Simone Garcia Almeida.

Modo de acesso: World Wide Web.

Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

1. História - Estudo e ensino. 2. Festividade - Amapá. 3. Metodologia - Aula.

I. Almeida, Simone Garcia, orientadora. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título

CDD 23. ed. – 907

MONTEIRO, Aline Tavares. **A Festa de São Tiago em Mazagão Velho**: proposta metodológica com aulas-oficinas para o ensino de história local. Orientador: Simone Garcia Almeida. 2022. 94 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2022.

ALINE TAVARES MONTEIRO

Trabalho de Conclusão de Mestrado aprovado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em
Ensino de História da Universidade Federal do Amapá, pela comissão formada pelos professores

Banca Avaliadora:

Profa. Dra. Simone Garcia Almeida
(Presidente/Orientadora)

Prof.^a Dra. Cecília Maria Chaves Brito Bastos
(Membro Interno)

Profa. Dra. Eugenia da Luz Silva Foster
(Membro externo)

Resultado: _____

Data: ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pela força sobrenatural, esperança e sabedoria que tem me dado para concluir essa e outras etapas tão importantes da vida. Agradeço imensamente a minha família, minha filha Sophia por estar sempre do meu lado dando apoio, apesar da pouca idade sempre me ajudando no que eu precisasse. Ao meu esposo por nunca me deixar abater pelas adversidades do caminho e a minha mãe que sempre me apoiou nos momentos em que eu pensei em desistir.

Agradeço imensamente também ao meu pai, Vicente Monteiro, que infelizmente me deixou no finalzinho da minha caminhada, mas que ao longo da vida sempre me mostrou a importância do conhecimento e dos estudos como forma de mudança pessoal e social, obrigada pai por tudo que me ensinou, essa conquista nunca teria sido possível sem o seu amor e dedicação por mim.

Agradeço também a pessoa mais paciente e compreensível que eu já conheci no decorrer desse percurso, minha orientadora, professora Dra. Simone Almeida, sempre me acolhendo com paciência e doçura, mesmo eu sendo uma orientanda um pouco distante. Obrigada por nunca soltar a minha mão e nunca desistir do meu trabalho, a caminhada foi dura e difícil, mas tê-la como orientadora foi fundamental para que eu pudesse acreditar que era capaz de concluir esse mestrado.

Outra pessoa que emana doçura, paciência e determinação, e que foi essencial na conclusão desse trabalho, foi a querida professora Dra. Cecília Bastos. Que nos momentos finais, quando já estava quase desistindo, também segurou minha mão e me fez acreditar na minha capacidade. Agradeço imensamente as leituras compartilhadas e as aulas ministradas na disciplina de História do Ensino de História, juntamente com o professor Dr. Geovani José da Silva que foram de essenciais na construção desse trabalho.

Agradeço a todos os professores do colegiado do Profhistória, que planejaram e executaram as disciplinas com imenso empenho e dedicação. Todos terão um lugar muito importante nas vidas dos discentes que já passaram por lá. Meu muito obrigada também para todos os meus colegas da turma 2018 do Profhistória, pelo apoio mútuo prestado durante as aulas, em especial à minha colega Arlete Souza, pela preocupação, conselhos, ligações, com intuito de nunca me deixar desistir também. Professores e alunos do Profhistória estarão presentes para sempre na minha memória.

Agradecimento especial à professora Dra. Eugenia Foster por ter aceitado participar dessa banca de defesa de minha dissertação, e por toda sua contribuição direcionada à educação na Universidade Federal do Amapá. Obrigada pela presença e pelas contribuições que serão feitas acerca desse trabalho.

Aos meus colegas de trabalho da Escola Mario Quirino da Silva, que sempre estiveram na luta por uma educação de qualidade e que sempre estão buscando conhecimento para melhorar a educação no nosso Estado. Agradeço a todos os meus alunos e ex's alunos, que ao passarem pela minha sala de aula, deixaram também

contribuições valiosas para a minha vida acadêmica, profissional e para a minha formação humana. Obrigada pela parceria e por todos momentos compartilhados nessa caminhada.

Agradeço imensamente a comunidade de Mazagão Velho, por sua imensa contribuição cultural e história para a sociedade amapaense. E por fim, quero agradecer a todos que contribuíram de forma direta ou indireta com a construção desse trabalho, meus sinceros, obrigada!

RESUMO

O presente trabalho intitulado: **A FESTA DE SÃO TIAGO EM MAZAGÃO VELHO: proposta metodológica com aulas-oficinas para o Ensino de História Local**, tem como objetivo construir propostas de sequências didáticas a partir de aulas-oficinas sobre a Festa de São Tiago. O referido material contará com imagens, textos, documentos relacionados a festa que proporcionará um maior conhecimento à professores sobre o ensino de história local, além de problematizar conceitos como memória, identidade e patrimônio cultural, essenciais para construção do conhecimento histórico em sala de aula. As principais fontes utilizadas nesta pesquisa foram as fontes relativas à festa, tais como: audiovisuais (fotografias, vídeos, documentários), mapas e jornais. O trabalho contempla aspectos históricos, culturais e sociais da Festa de Mazagão Velho. A pesquisa adequa-se à área do Ensino de História, na linha de pesquisa Saberes Históricos no Espaço Escolar. Como resultado espera-se que o produto auxilie docentes a trabalhar essa importante festividade, que conta a história de um povo que atravessou o Atlântico e que mesmo depois de mais de 200 anos ainda conta sua história através de cantos, danças, rezas e encenações na cidade de Mazagão Velho.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História. Festa de São Tiago. Memória. Identidade. Patrimônio cultural.

ABSTRACT

The present work entitled: **THE FEST OF SÃO TIAGO IN MAZAGÃO VELHO: methodological proposal with classes-workshops for the Teaching of Local History**, aims to build proposals for didactic sequences from classes-workshops on the Feast of São Tiago. This material will have images, texts, documents related to the party that will provide greater knowledge to teachers about the teaching of local history, as well as problematize concepts such as memory, identity and cultural heritage, essential for the construction of historical knowledge in the classroom. The main sources used in this research were the sources related to the party, such as: audiovisuals (photographs, videos, documentaries), maps and newspapers. The work includes historical, cultural and social aspects of the Festa de Mazagão Velho. The research is suited to the area of History Teaching, in the line of research Historical Knowledge in the School Space. As a result, it is expected that the product will help teachers to work on this important festivity, which tells the story of a people who crossed the Atlantic and who even after more than 200 years still tell their story through songs, dances, prayers and performances in the city of Mazagão Velho.

KEYWORDS: Teaching History. Feast of Saint James. Memory. Identity. Cultural heritage.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Juramento feito por São Tiago antes do círio.....	25
IMAGEM 2: Baile de Máscaras.....	26
IMAGEM 3: Passagem do Bobo Velho.....	28
IMAGEM 4: Encenação da batalha entre Mouros e cristãos.....	29
IMAGEM 5: Possessões portuguesas no Marrocos (1415-1769)	40
IMAGEM 6: Texto sobre a expansão islâmica na África e Europa.....	65
IMAGEM 7: Trajetória do deslocamento das famílias mazaganistas.....	66
IMAGEM 8: Percurso das canoas entre Belém e Nova Mazagão.....	67
IMAGEM 9: Encarte do CD – Mazagão Velho: Nossas tradições.....	71
IMAGEM 10: Encarte do CD – Mazagão Velho: dois séculos de cultura.....	72
IMAGEM 11: Batalha entre Mouros e Cristãos.....	77
IMAGEM12: Círio de São Tiago.....	77
IMAGEM 13: Máscaras artesanais produzidas pelos moradores de Mazagão Velho.....	83
IMAGEM 14: Máscaras industrializadas vendidas durante a Festa de São Tiago.....	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 CAPÍTULO 1: A IMPORTÂNCIA DA FESTA DE SÃO TIAGO COMO PATRIMÔNIO LOCAL	16
1.1 A FESTA DE SÃO TIAGO: MATERIALIDADES E IMATERIALIDADES.....	16
1.2 A FESTA DE SÃO TIAGO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO AMAPÁ: MEMÓRIA, IDENTIDADE E HISTÓRIA LOCAL	22
2 CAPÍTULO 2: A HISTÓRIA DA FESTA DE SÃO TIAGO E SUAS POTENCIALIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA	36
2.1- SÃO TIAGO E O POVO MAZAGANENSE	36
2.2- A FESTA DE SÃO TIAGO EM MAZAGÃO VELHO: ENSINO E PRESERVAÇÃO CULTURAL.....	42
2.3- ENSINO, CULTURA E IDENTIDADE LOCAL.....	47
3 CAPÍTULO 3: A FESTA DE SÃO TIAGO: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM AULAS OFICINAS.....	52
3.1- AS AULAS OFICINA: ENSINO DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL.....	53
3.2- A FESTA DE SÃO TIAGO COMO PROPOSTA DE AULA-OFICINA NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO.....	89

INTRODUÇÃO

Pesquisar e estudar a cultura e a religiosidade de Mazagão Velho e da Festa de São Tiago em Mazagão Velho, no estado do Amapá, consiste em compreender a pluralidade de sentidos que envolve essa temática no ensino de história. Assim, essa pesquisa tem finalidade de analisar a historicidade da festa e como ela pode ser utilizada nas aulas de história do ensino básico, explorando aspectos históricos, culturais e sociais da Vila de Mazagão Velho.

Falar desta pesquisa sem falar um pouco sobre minhas indagações, angústias e também realizações como docente é impossível. Conclui a graduação em licenciatura em história 2014 e já em 2015 comecei minha jornada em sala de aula e desde lá, são sete anos adquirindo ricas experiências no campo da educação. É um tempo relativamente curto, posso considerar-me uma jovem professora, que assim como tantos outros professores, entrou em sala de aula um pouco perdida e que ainda tenta se encontrar. Sempre partilhei da ideia de que a formação docente faria total diferença no processo ensino-aprendizagem e por isso em 2017 prestei o processo seletivo do Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) e em 2018 iniciou-se essa nova jornada.

Enquanto estudante do curso de história, sempre me senti fascinada pelos estudos ligados a cultura e a história sociocultural. Cresci em um ambiente onde a pluralidade cultural e religiosa era vasta, minha mãe ao mesmo tempo que era católica fervorosa, utilizava-se sempre no nosso dia-a-dia de práticas como “curar” nossa garganta com andiroba e aliviar nossas enfermidades com receitas caseiras que ela aprendeu com a avó, práticas entendidas dentro dos saberes indígenas e caboclos. Ao entrar no curso de história em 2010 e me deparar com leituras a respeito da temática comecei a me identificar mais ainda.

A escolha do objeto de pesquisa deste trabalho, veio de um encantamento pessoal, mas também de uma preocupação como professora. Como fazer com que meus alunos também sintam em seu dia-a-dia esse sincretismo cultural e como mostrar a importância de se conhecer e valorizar essa cultura. Tendo a festa de São Tiago como exemplo de patrimônio cultural material e imaterial, espero desenvolver um trabalho que de alguma forma sensibilize meus alunos a preservar, se orgulhar e se encantar com a nossa cultura local. E que ajude meus colegas professores na missão de educar com sabedoria e

sensibilidade, levando sempre em consideração os saberes discentes e buscando sempre levantar as indagações e problematizações que nortearão as suas aulas.

Assim, para entender melhor a temática estudada, precisamos tocar inicialmente na formação do professor de história, pois é ele quem conduz a aula, dá os nortes para a socialização dos saberes dos discente e promove as discussões pertinentes ao campo do Ensino de História dentro da sala de aula. Nessa perspectiva Maria Auxiliadora Schmidt (2017) afirma que é preciso superar o ensino tradicional de história, principalmente através da modernização dos currículos e da qualificação e atualização dos professores de história. Para ela, muitas mudanças positivas já foram sentidas, contudo na prática da sala de aula elas ainda não são satisfatórias, principalmente pelo descaso das autoridades governamentais para com a educação brasileira.

Outra questão debatida por Schmidt é a identidade do professor, que “oscila entre a do difusor e transmissor de conhecimento e a do produtor de saberes e fazeres” (SCHMIDT, 2017, p. 55). Ou seja, para ela, o professor precisa sim dominar os saberes históricos, os conceitos e os conteúdos, mas acima de tudo ele precisa saber fazer, espera-se que ele saiba fazer a junção dos saberes acadêmicos e os saberes pedagógicos.

Uma importante proposta didática que Schmidt (2017) traz é o trabalho com documentos em sala de aula, que além de despertar maior interesse e curiosidade nos alunos, aproxima ele e o professor da prática da pesquisa, que é essencial para o ensino de história, segundo ela “isso ajuda o aluno a desenvolver o espírito crítico, reduzir a intervenção do professor, e diminuir a distância entre a história que se ensina e a história que se escreve (SCHMIDT, 2017, p. 62). A pesquisa em sala de aula é imprescindível para o ensino de história, pois através dela o aluno consegue pensar criticamente e construir sua visão de mundo e seu próprio conhecimento histórico, para o professor também é importante na construção de seu papel de professor-pesquisador que precisa estar em constante formação. Sobre a importância da pesquisa na formação de professores, Paulo Freire (2018) destaca:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2018, p. 30-31)

Além da pesquisa, Paulo Freire aponta para a importância que se deve dar aos saberes que os educandos trazem consigo, saberes socialmente construídos na prática comunitária, o professor precisa conhecer esses saberes e de alguma forma utiliza-los nas aulas, relacionando-os aos conteúdos trabalhados. Desse modo, a formação e o papel do professor na sala de aula podem fazer toda a diferença para o ensino de história.

Diante da breve discussão exposta, podemos compreender o Ensino de História Local como campo privilegiado para discutir conceitos como cultura e identidades, para trabalhar diretamente com documentos em sala de aula e para abordar questões que envolvem pesquisa historiográfica e ensino de história. O ato de pesquisar, indagar e incentivar o pensamento crítico, fortalece a construção das identidades locais, além de preservar a memória e o patrimônio cultural regional e nacional.

A principal relevância historiográfica e social dessa pesquisa, é contribuir para a elaboração de aulas-oficinas que abordem a importância da história local para o ensino de história. As aulas oficinas são de extrema importância para esse trabalho, pois através delas, é possível que os alunos se tornem protagonista da aula e do seu processo de aprendizagem. As aulas oficinas aqui construídas foram pensadas a partir dos conceitos de Isabel Barca (2004) que compreende as aulas oficinas como uma metodologia capaz de romper com os meios tradicionais de ensino e fazer com que o aluno possa construir de forma autônoma e respeitando os seus conhecimentos prévios sobre o conteúdo.

As aulas oficinas propostas aqui, contemplam a temática das Festa de São Tiago, que está inserida dentro da história local e essa história local consegue fornecer ao estudante competências para a realização de reflexões sobre experiências dos homens no tempo, para também compreender a realidade econômica, social e política em escala regional ou local e seus nexos com o nacional e o global (BARBOSA, COLARES, RODRIGUES, SOUZA, 2017).

Os mencionados autores trazem também uma discussão sobre como a história local, sobretudo a da Amazônia, foi deixada de lado pelos principais exames nacionais para ingresso em universidades, como o ENEM por exemplo. Para eles, o intuito do Governo Federal é criar uma identidade nacional que não contempla as especificidades locais, nem contempla a complexidade social e cultural das diversas regiões do Brasil. Portanto, o estudo das manifestações culturais locais é um importante caminho para a construção de identidades plurais que contemplem as várias camadas da sociedade. Na

visão de Barros (2013) a memória, sobretudo a local, serve como orientação para enfrentar as incertezas do presente e do futuro, além de possibilitar o estudo mais detalhado da realidade próxima de docentes e alunos:

O ensino de história local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador / educando / sociedade e o meio em que vivem e atuam. (BARROS, 2013, p. 03)

A pesquisa se concentrará em trabalhar como os alunos aprendem essas manifestações culturais em sala de aula, ou seja, é uma pesquisa que se encaixa cronologicamente na História do Tempo Presente, pois é perceptível que os alunos atualmente pouco se interessam pelo passado, muitas vezes influenciados pela tecnologia que acabou levando com mais velocidade informação do que educação escolar propriamente dita. Esses alunos crescem, segundo Eric Hobsbawn (1995), em uma espécie de presente contínuo, e é preciso superar essa condição, levando-os a pensar criticamente o passado, e o estudo da memória, segundo ele, é essencial para superar essa limitação. Diante disso, a história do tempo presente se faz necessária para pensar e compreender a realidade vividas por esses alunos.

As festas populares no Amapá, sobretudo a Festa de São Tiago, são ricas em se tratando de fontes para pesquisa, pois é possível analisá-las a partir das iconografias e dos depoimentos orais dos moradores da comunidade, além de outras fontes que também subsidiarão essa pesquisa.

As fontes orais utilizadas aqui, foram retiradas no Inventário Nacional de Referências culturais, produzido pelo IPHAN. Nesse inventário foram realizadas entrevistas com moradores que são de extrema importância para a construção deste trabalho. Para a utilização dessas fontes levarei em consideração o que Verena Albert (2005) defende, pois partilharei a concepção de que a História Oral não é um fim em si mesma, e sim um meio de conhecimento. Com isso, buscarei interpretar essas fontes de forma que elas pudessem interagir com outros tipos de documentos, que nos proporcionarão a¹ percepção de que a oralidade é, assim como todas as relações humanas, uma construção social.

¹ As entrevistas utilizadas neste trabalho foram retiradas do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN).

As fontes audiovisuais também serão de extrema importância nessa pesquisa, as imagens utilizadas e os vídeos já produzidos sobre a festa foram coletados em arquivos oficiais (IPHAN e SECOM) também, com intuito de fazer com que o aluno se sinta mais próximo da realidade da festa. O visual tem um grande peso no âmbito da cultura jovem atual. As fontes áudio visuais podem ser interpretadas como representações sociais de determinados momentos históricos ou determinadas manifestações culturais. Partirei do princípio já apontado que Elias Tomé Saliba sobre as fontes áudio visuais:

A imagem não ilustra e nem reproduz a realidade, ela a constrói a partir de uma linguagem própria que é produzida num dado contexto histórico. Todas as definições, mesmo as mais notáveis, tendem a retirar o filme do terreno das evidências - ele passa a ser visto como uma construção que, como tal, altera a realidade através de uma articulação entre a imagem, a palavra, o som e o movimento. (SALIBA, 2017)

Nesse sentido, as fontes áudio visuais serão de grande importância, visto que no campo do Ensino de História, ao serem utilizadas demandam o uso de metodologias que auxiliam na tarefa do professor de ajudar na construção do conhecimento histórico escolar. Também no âmbito da História Cultural, essas fontes podem ser analisadas como representações sociais e culturais do que os sujeito já viveram e vivem, além de suas percepções sobre o que viverão

Para fornecer aporte teórico à análise das fontes já citadas é imprescindível que trabalhe conceitos como o de memória, pois segundo a própria comunidade de Mazagão Velho, é o que sustenta e revive a festa anualmente. Sobre esse conceito, me aproximarei do que escreveu Ismênia Martins (2007) que entende memória como um fenômeno social, construído coletivamente e sujeito a constantes recriações. A mesma concepção ela aplica ao conceito de identidade, que segundo ela a identidade se fundamenta na memória e na interpretação do passado, quase sempre em função do presente e do futuro. E tal qual a memória, a identidade também é uma construção social sujeita a redefinições no tempo. Ambas estão expostas a questionamentos e disputas. (MARTINS, 2007).

Identidade também é um conceito essencial para o desenvolvimento desta pesquisa. Muito se fala a respeito das identidades em Mazagão e como é possível ainda, depois de tantos anos, manter a memória e as tradições culturais em meio a tantas novidades e transformações. Stuart Hall (2004) analisa esse processo como uma globalização das identidades, onde se busca aprimorar as identidades culturais locais, para

que estas sejam inseridas na sociedade global. Dessa forma, a globalização cria um processo de massificação da cultura popular.

O levantamento preliminar de fontes, sobretudo as orais que se encontram na guarda do IPHAN-AP, (trata-se de um inventário com imagens, entrevistas e um estudo aprofundado sobre o tombamento da festa como patrimônio imaterial do Amapá) possibilitou também perceber que nem todos os moradores de Mazagão Velho participam da festa, uns por não se identificarem e outros por divergências políticas, sentimento de que a festa já não é mais a mesma e não carrega os traços tradicionais que a fizeram ganhar notoriedade estadual e até nacional.

Portanto, a construção da presente pesquisa pode ser entendida dentro do campo da História Social, pois privilegiará abordar as festas como algo que cria contradições no seio das comunidades e não como algo definido e homogêneo. A História Social aqui construída é aquela que se aproxima do conceito definido por Castro (1997), que a apresentou como um recorte no campo da história, uma especialidade, com problemáticas e metodologias próprias, valorizando o estudo das classes e dos grupos sociais e sua relação com as estruturas da sociedade. A aproximação com antropologia levou a história social a privilegiar abordagens socioculturais e enfoques econômicos sociais, contudo não se afastou de seu propósito que é abordar e priorizar as experiências humanas (CASTRO, 1997).

O produto final desta pesquisa será uma proposta de aulas-oficinas que ajudem o professor a trabalhar essa importante festividade, que conta a história de um povo que atravessou o Atlântico e mesmo depois de mais de 200 anos ainda conta sua história através de cantos, danças, rezas e encenações. O produto dessa pesquisa contemplará os aspectos culturais, sociais e políticos da Vila de Mazagão Velho

O objetivo geral deste trabalho é elaborar uma proposta metodológica a partir das aulas-oficinas para o ensino de História Local, tendo como objeto a Festa de São Tiago em Mazagão Velho. Os objetivos específicos são evidenciar a importância dos estudos sobre patrimônio cultural no Ensino de História Local, a partir do estudo da Festa de São Tiago em Mazagão Velho – AP; analisar as transformações sociais, culturais, políticas e econômicas ocorridas nos festejos de São Tiago e como os moradores da Vila realizam essa festa na atualidade; proporcionar aos alunos e professores, instrumentos e produtos que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro intitulado *A importância da Festa de São Tiago como patrimônio local* discute como a festa é importante para a comunidade que a realiza, mas também para todo estado do Amapá, nele estão contidas discussões sobre patrimônio material e imaterial, além de conceitos como memória e identidade cultural, centrais para a construção do trabalho.

No segundo capítulo intitulado: *A história da Festa de São Tiago e suas potencialidades para o ensino de história* trata sobre a história da cidade de Mazagão, seja na África ou no norte do Brasil, a transferência das famílias e problemas enfrentados por elas nessa longa jornada até a estabilização em terras amapaenses. Mas esse capítulo trata ainda das potencialidades do estudo sobre esse povo e sobre a Festa de São Tiago que é celebrada há mais de 200 anos, preservando sua história e tradição, dialogando sempre com as transformações que a comunidade vivencia.

Ao final do trabalho, no terceiro capítulo, *a Festa de São Tiago: uma proposta de trabalho com aulas oficinas*, será abordado a importância de se trabalhar modelos de aulas diferenciados das aulas tradicionais, como as aulas-oficinas, onde o aluno passa a ter mais autonomia no processo de ensino-aprendizagem além de o professor também poder discutir conceitos e problemas com maior participação de seus alunos. Ao final do capítulo será apresentada uma proposta de trabalho com aulas-oficinas sobre a Festa de São Tiago, objetivando criar um ambiente onde professor e alunos tenham experiências mais próximas sobre análise de documentos e construção do conhecimento histórico em sala de aula.

1 CAPÍTULO 1: A IMPORTÂNCIA DA FESTA DE SÃO TIAGO COMO PATRIMÔNIO LOCAL

O patrimônio cultural brasileiro é riquíssimo tanto em bens materiais quanto imateriais, e é partindo desse fato que discutiremos a importância da Festa de São Tiago que acontece na vila de Mazagão Velho – AP para o estudo do patrimônio cultural nacional e para o ensino de história local. A festa é historicamente celebrada a mais de 200 anos e mantém-se viva graças a memória e empenho dos moradores da vila, que fazem desse evento uma importante ferramenta para manifestar a história e cultura que a vila de Mazagão carrega ainda nos dias de hoje, haja vista que o calendário festivo dessa comunidade é extenso.

Nesse capítulo inicial faremos uma discussão acerca da Festa de São Tiago como um patrimônio local, destacando inicialmente conceitos de patrimônio material e imaterial e posteriormente porque essa festa pode ser estudada tanto no âmbito dos dois tipos de patrimônio já citados. Em resumo, a festa agrega elementos como rezas, músicas, danças e encenações, mas também possui elementos materiais como a confecção das vestimentas, o zelo pelas imagens religiosas, produção de máscaras que serão usadas no baile, além de outros elementos da cultura material.

1.1 A FESTA DE SÃO TIAGO: MATERIALIDADES E IMATERIALIDADES

A prática docente eficiente consiste na correlação entre o conhecimento histórico escolar e a pesquisa histórica, e quando tratamos sobre patrimônio histórico cultural essa correlação entre ensino e pesquisa acentua-se mais ainda. Para o docente ensinar a respeito do patrimônio cultural, ele necessita pesquisar, conhecer, apropriar-se dos conceitos acerca desse patrimônio, além de trazer para a sala de aula elementos dessa pesquisa.

Quando falamos em patrimônio, pensamos em posse, em algo que pertence a um indivíduo ou a um grupo. Nessa perspectiva podemos entender que patrimônio cultural é um conjunto de bens pertencentes a uma sociedade, esses bens vão desde monumentos, ruas, prédios, até danças, cantos e processos culturais de determinadas sociedades. De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – (IPHAN, 2012. p. 12) “o patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade

desse povo”. O Brasil é um país imenso e muito bem dotado de bens culturais que constantemente passam por estudos e pesquisas de institutos que visam a preservação da cultura brasileira.

É importante destacar as diferenças entre os bens de natureza material e imaterial, ambos trazem consigo conceitos importantíssimos sobre memória e identidade de grupos que formaram o povo brasileiro. Ainda de acordo com o IPHAN (2012) podemos descrever os bens materiais como tudo aquilo que podemos ver e tocar como prédios, casas dentre outros, enquanto que os imateriais são tudo aquilo que existe, mas não se pode tocar como as danças, músicas, festas, modos de preparo de determinada comida e outros saberes populares que não são tangíveis às nossas mãos. O objeto deste trabalho, a festa de São Tiago, possui elementos que poderiam se encaixar nas duas naturezas², contudo por se tratar de uma festa de caráter histórico cultural, encaixa-se melhor na concepção de patrimônio imaterial.

Ainda de acordo com o IPHAN (2012), quando tratamos de patrimônio imaterial o que importa são os processos e práticas, busca-se valorizar os saberes e os conhecimentos das pessoas. O destaque vai para os ofícios e os saberes artesanais, as maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, as danças e as músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares que revelam os múltiplos aspectos da cultura cotidiana de uma comunidade

O patrimônio imaterial, assim como o material necessita de cuidados para seu estudo e preservação, é preciso que a sociedade em geral, incluindo o ambiente escolar, tenha preocupação em preservar e conhecer de forma proveitosa esse vasto patrimônio cultural que o país possui. É imprescindível que haja uma educação para o patrimônio, onde desde cedo a criança e o adolescente conheçam esses bens culturais e conheçam também as formas de preservação desse patrimônio.

É preciso compreender o patrimônio cultural como uma questão política também, uma vez que os agentes envolvidos, estão inseridos em um contexto social e expressam através dos bens culturais suas concepções de vida. Diante disso, o IPHAN considera que:

² A Festa de São Tiago pode ser entendida como patrimônio material e imaterial porque é composta de elementos visíveis (o vestuário típico da festa e a própria arquitetura de Mazagão Velho) e também elementos não visíveis (a memória e o modo de construção e preservação da festa)

O patrimônio cultural de uma sociedade é também fruto de uma escolha, que, no caso das políticas públicas, tem a participação do Estado por meio de leis, instituições e políticas específicas. Essa escolha é feita a partir daquilo que as pessoas consideram ser mais importante, mais representativo da sua identidade, da sua história, da sua cultura. Ou seja, são os valores, os significados atribuídos pelas pessoas a objetos, lugares ou práticas culturais que os tornam patrimônio de uma coletividade ou patrimônio coletivo (IPHAN, 2012, p. 14)

As discussões acerca do patrimônio cultural e da educação patrimonial, perpassam por órgãos nacionais, sendo o principal deles o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional), ele é o instituto responsável por estudar, pesquisar, inventariar e salvaguardar o patrimônio cultural nacional, seja material ou imaterial. Atualmente a historiografia que trata da temática do patrimônio busca historicizar e problematizar as questões pertinentes aos estudos desses institutos e a atuação deles sobre o patrimônio histórico cultural no Brasil. O resultado dessa problematização visa ampliar as práticas, perspectivas e desafios para a preservação do patrimônio. De acordo com Delgado e Silva:

Ao articular o ensino de História e o patrimônio cultural aos objetivos da educação patrimonial, é incorporada a discussão do conceito de patrimônio, a historicização de suas múltiplas acepções e a investigação das políticas públicas de construção e preservação do patrimônio no Brasil. Com isso, a valorização do passado histórico – tantas vezes apontada como objetivo primordial da educação patrimonial – assume novas perspectivas, que vão desde a crítica a formas estabelecidas de produção da memória coletiva nas sociedades contemporâneas até a proposição de práticas culturais de grupos, pessoas, ideias e monumentos até então excluídos do campo do patrimônio. (DELAGADO; SILVA, 2014, p. 74)

Essa nova abordagem sobre patrimônio e educação patrimonial nos ajuda a entender patrimônio como um conceito que vai além de um mero vestígio do passado e passa a vê-lo através dos discursos produzidos acerca desse patrimônio. O órgão encarregado de registrar esses bens culturais não busca revelar os valores estéticos e históricos destes, porém nos processos de tombamentos esses valores estão intrinsicamente presentes, por isso é essencial o estudo do patrimônio, da educação patrimonial e principalmente dos agentes encarregados de analisar esse patrimônio nacional.

Como já discutimos, o patrimônio cultural seja material ou imaterial deve ser pensado como produto da ação humana, sendo assim também um produto político, que

evidencia em seus processos de produção os modos de vida, as disputas e o cotidiano daqueles que o produzem. Definir patrimônio nessa nova perspectiva significa ampliar os olhares sobre a cultura de uma sociedade, considerando elementos que antes não se faziam presentes nos estudos históricos tradicionais.

Os conceitos de patrimônio expostos aqui baseiam-se na perspectiva de que eles constituem situações vivenciadas por determinadas sociedades, que são passadas de geração para geração, pelo uso da oralidade ou pela observação, e vivenciada em seu cotidiano. Essa concepção pode ser percebida na realidade de Mazagão Velho, pois os modos de realização da festa de São Tiago são mantidos através da transmissão e pela vivência cotidiana, apoiados nas memórias de seus moradores.

A transmissão de valores, crenças e conhecimentos populares através da oralidade pauta-se na maioria das vezes nas narrativas sobre determinada manifestação cultural, nesse contexto, as narrativas dos sujeitos que produzem e vivenciam a história não possuem uma hierarquização de fatos mais ou menos importantes. Guimarães e Paim (2014) consideram que essas narrativas são de extrema importância para conhecer mais a fundo como se desenvolvem os processos de produção de um determinado patrimônio.

O narrador faz uma história aberta, pois ele sabe que a complexidade do social é inesgotável, já que não é uma narração definitiva e, além disso, ela é compartilhada. A narrativa não precisa distinguir entre grandes e pequenos acontecimentos, pois, ao hierarquizar, deixamos de lado as histórias e memórias daqueles que foram derrotados. Cada momento é, de alguma forma, importante para alguém; consequentemente, nada é insignificante ou perdido para a história. (GUIMARÃES; PAIM, 2014, p. 95)

Podemos compreender que essas narrativas constituem elementos importantes na construção e preservação do patrimônio, pois nos fazem conhecer a complexidade que envolve o processo de produção, difusão e preservação do patrimônio cultural, sobretudo o imaterial que por muito tempo não teve seu valor reconhecido pela sociedade e pelos órgãos oficiais de registro e preservação de bens culturais.

As novas abordagens sobre patrimônio material e imaterial asseguram que ele pode ser o meio e não o fim para o conhecimento histórico, ou seja, o patrimônio como fonte para o estudo da história em sala de aula. Atualmente a historiografia que trata da temática do patrimônio busca historicizar e problematizar as questões pertinentes aos estudos desses institutos e a atuação deles sobre o patrimônio histórico cultural no Brasil.

O resultado dessa problematização visa ampliar as práticas, perspectivas e desafios para o ensino de história. De acordo com Delgado e Silva:

Ao articular o ensino de História e o patrimônio cultural aos objetivos da educação patrimonial, é incorporada a discussão do conceito de patrimônio, a historicização de suas múltiplas acepções e a investigação das políticas públicas de construção e preservação do patrimônio no Brasil. Com isso, a valorização do passado histórico – tantas vezes apontada como objetivo primordial da educação patrimonial – assume novas perspectivas, que vão desde a crítica a formas estabelecidas de produção da memória coletiva nas sociedades contemporâneas até a proposição de práticas culturais de grupos, pessoas, ideias e monumentos até então excluídos do campo do patrimônio. (DELAGADO; SILVA, 2014, p. 74)

Por muito tempo considerou-se como patrimônio cultural apenas o que estivesse no âmbito material, os grandes monumentos, grandes centros históricos e demais conjuntos arquitetônicos. Isso se deu também pela historiografia da época que sempre privilegiou os grandes homens, grandes feitos históricos e tudo que lembrasse a história das elites brasileiras. Os saberes culturais populares sempre foram silenciados e marginalizados na historiografia tradicional. Diante disso é preciso entender “a questão do patrimônio como uma questão sócio-histórica, é preciso mergulhar nas relações sociais fundamentais existentes na sociedade brasileira, e na dominação de classe que pauta fundamentalmente esta sociedade” (CARDOZO; MELO, 2015. p. 1062). Nessa premissa deve-se levar em conta as relações reais vivenciadas por sujeitos reais em situações históricas concretas, essas relações, sujeitos e situações constituem os novos campos de abordagem dos estudos sobre patrimônio cultural e educação patrimonial.

Cardozo e Melo fazem uma análise sócio histórica do patrimônio como um produto da sociedade, podendo ser comparado ao currículo escolar, pois em ambos os casos, as camadas populares tiveram sua história e cultura negligenciados pela historiografia tradicional.

O que não está no currículo não existe, ou não é pensado ou ensinado, e, logo, é desconsiderado. O mesmo ocorre com o patrimônio. Todas as manifestações populares foram simplesmente desconsideradas na produção social do patrimônio brasileiro, o que é característico de um país que sempre ignorou e explorou o povo, ou que este sempre foi considerado na medida em que apenas deveria servir as classes dominantes. (CARDOZO; MELO, 2015. p. 1066)

Os novos enfoques da historiografia que estuda o patrimônio vieram ao encontro dos conceitos e abordagens da chamada Nova História, pois ao mesmo tempo em que esta

buscou dar voz aos sujeitos antes silenciados, trouxe à tona também as discussões a respeito de suas práticas cotidianas, dos saberes populares e do conjunto de características culturais que envolviam a vida desses sujeitos. A nova discussão sobre o patrimônio objetiva dar visibilidade a essa cultura imaterial vivida e produzida por sujeitos das mais variadas camadas sociais que em seu cotidiano manifestam suas crenças, saberes e demais elementos que constituem o patrimônio cultural da nossa sociedade.

A atual historiografia sobre patrimônio cultural, seja material ou imaterial, visa discutir também as mudanças que esses tipos de patrimônio apresentam no decorrer da história, tendo em vista que os produtos culturais são mutáveis e se modificam, dialogando com as mudanças da sociedade. Desta forma, é possível verificar que o patrimônio cultural estudado na atualidade, mistura elementos da cultura material e imaterial, além de estar em constante diálogo com as transformações da sociedade que o produz.

Ao pesquisar sobre a temática, podemos perceber que a Festa de São Tiago em Mazagão Velho reúne característica do patrimônio material e imaterial, pois em sua essência, é uma festa que se pauta na memória, religiosidade e saberes imateriais dos moradores da vila, mas que também celebra sua materialidade, em suas vestimentas, instrumentos musicais, adereços, imagens religiosas, além das máscaras utilizadas no baile.

Partindo do princípio de que patrimônio cultural não é algo estático e imutável, é preciso que possamos compreender o passado, onde historicamente foi desenvolvido, mas também no presente, dialogando com a realidade vivida pela sociedade que o produz. Nessa perspectiva a dissertação de mestrado de Ronne Franklim Carvalho Dias, *Mazagão Velho: imagem-mundo de uma festa, um baile e suas máscaras* (2009), analisa a festa de São Tiago a partir da perspectiva da cultura visual, verificando como se dá a construção das interpretações e relações entre as máscaras (cultura material) e identidade (cultura imaterial), dessa forma, Franklin também discute os processos de construção e utilização das máscaras, onde investiga os pontos de manutenção e resistência na festa, influenciados pelo mundo globalizado.

Em seu trabalho, Dias (2009), ainda traça as origens culturais para o baile de máscaras. Em suas pesquisas ele considera esse momento da festa como uma mistura entre elementos europeus e africanos, visto que a utilização de mascaras em bailes fazia

parte do cotidiano da corte palaciana europeia em geral, e as danças podem ser atribuídas a uma influência africana na região de Mazagão.

Diante da breve discussão exposta, percebemos que é comum que festas populares no Brasil, mesquem elementos materiais e imateriais. É perceptível também como elas dialogam com o tempo presente, na medida que se adaptam as mudanças ocorridas com o passar do tempo. Dessa forma o objeto dessa pesquisa: a Festa de São Tiago se encaixa muito bem nesse conceito de patrimônio cultural plural e sempre em atualização, tanto pelas características relacionadas a sua realização quanto a sua preservação também.

1.2 A FESTA DE SÃO TIAGO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL DO AMAPÁ: MEMÓRIA, IDENTIDADE E HISTÓRIA LOCAL

Ao realizar leituras sobre a formação de Mazagão e a tradição da Festa de São Tiago, é possível verificar que ainda há pouca bibliografia sobre a temática, bibliografias que destaquem toda sua importância cultural e histórica para a história local. E quando buscamos bibliografias que dialoguem com essa riqueza cultural com o ensino de história local, constatamos que ela é quase inexistente, é perceptível que esse diálogo (cultura local e ensino de história) é uma preocupação muito recente.

Apesar de sua grande importância cultural, histórica, política e também econômica, a festa não tem ainda destaque na historiografia local, nem brasileira. Alguns trabalhos como o de Katy Motinha (2005), Laurent Vidal (2008) e Veronique Boyer (2008) são importantíssimos para conhecer a história da Vila de Mazagão.

A abordagem feita no trabalho de Katy Motinha, *Vila Nova de Mazagão: espelho de cultura e de sociabilidade portuguesas no vale amazônico*, em que reconta o processo histórico da vila, destacando que tem nas celebrações um aliado para caracterizar esta história. Dessa forma, ao investigar sobre a sociabilidade em Mazagão, defende que ao reconstruir as imagens vividas na Vila Nova de Mazagão é possível verificar que a devoção desse povo atravessou o Oceano Atlântico trazendo as redes de relações historicamente constituídas, enfatizando ainda que ao revisitar vias, trajetos e lugares da memória, as tradições só persistem porque continuam a ter um forte significado para a comunidade que as reencenam. Essa memória e tradição vai adaptando-se às

transformações do contexto no qual estão inseridas, mesmo que em aparência continuem as mesmas.

Laurent Vidal em *Mazagão a cidade que atravessou o Atlântico*, trabalha com uma perspectiva que evidencia os aspectos mais históricos da cidade de Mazagão Africana, aborda também as trajetórias das famílias mazaganistas, assim, como os embates entre Cristãos e Mouros. Também analisa a Festa de São Tiago, abordando os aspectos culturais da festa enraizados no cotidiano da comunidade. Dessa forma, Vidal ao estudar sobre a festividade de São Tiago utiliza relatos de moradores e documentos históricos para realçar essa tradição cultural

Veronique Boyer em *Passado português, presente negro e indizibilidade ameríndia: o caso de Mazagão Velho, Amapá*, trata da questão genealógica e de identidades envolvendo brancos, negros e indígenas em Mazagão Velho. No texto entende-se que as genealogias branca/portuguesa e negra/africana são aceitas e reconhecidas nas identidades dos moradores da Vila, segundo eles próprios. Enquanto que a genealogia indígena não aparece de imediato como componente que integra a ancestralidade dos mazaganenses. Ainda na visão deste autor, isso pode estar associado ao fato de que “o índio, apesar de livre, está ainda associado ao “selvagem”, e o negro, embora descendente de escravos, é considerado “civilizado”, é, portanto, possível situar-se na genealogia que representa.” (BOYER, 2008, p. 24)

Mazagão representa, no cenário colonial, a tentativa da Coroa Portuguesa de fixar povoados na Amazônia, visto que havia todo um discurso de vazio demográfico que ainda perdurou por muito tempo. Assim, a transferência das famílias, e a própria formação de vilas como a de Macapá (1758) e Nova Mazagão (1770), ajudaram na edificação de um novo cenário proposto pelo Estado português. Vidal (2008) afirma que a motivação para a vinda de várias famílias para a região conhecida como Mazagão Velho foram também introduzidas por conflitos políticos-religiosos, objetivando fixar e criar vínculos dos novos moradores com esta região no período colonial, o cultivo de produtos como o arroz, o algodão, o tabaco foram incentivados. Dessa forma, a Nova Mazagão surgiria como uma esperança tanto para os colonos como para a Coroa Portuguesa.

Para historiadora Rosa Acevedo Marin, a colonização das vilas de Macapá e Mazagão deve ser considerada como uma via de mão dupla. Pois, em concomitância ao discurso de defesa do território, a colonização das áreas fronteiriças do país colabora para

a comprovação do caráter mercantilista do governo imperial, que se destinava ao desenvolvimento agrícola e extrativista, originando desta forma, outro discurso ideológico: "empreendimento colonial civilizador" (MARIN, 1999, p. 48).

Tanto Vidal quanto Marin, analisam a transferência das famílias da Mazagão africana para a Amazônia, como uma alternativa aos conflitos ocorridos na Península Ibérica e suas colônias africanas, como também uma súbita preocupação do governo português, sobretudo a partir das reformas pombalinas, de povoar, defender e desenvolver a região amazônica. A atual formação social de Mazagão Velho é herdeira de toda a carga histórica de seus antepassados, e diante disto a ligação destes com a construção da festa é muito forte. As maneiras construídas por eles para repassar esta história caminha junto ao senso comum, mas sempre dialogando com a conservação deste patrimônio coletivo.

A Festa de São Tiago é uma festividade de caráter religioso que agrega elementos sagrados e profanos, sendo realizada todo ano entre os dias 16 a 28 de julho. Assim, de acordo com o Inventário Nacional de Referências Culturais, produzido pelo IPHAN em 2011, a representação da batalha segue um roteiro já consagrado e revivido a cada ano, que envolve quatro episódios: entrega dos presentes, baile de máscaras, passagem do bobo velho e a batalha em si, que por sua vez é constituída por seis passagens - descoberta e morte do Atalaia, armadilha (emboscada feita pelos cristãos), captura e venda das crianças, troca do corpo do Atalaia pela bandeira moura, batalha final e vominhê³.

A breve descrição da festa que será feita aqui, foi retirada do INRC feito pelo IPHAN a partir de 2011, que produziu, inclusive, um documentário intitulado “Santo Cavaleiro – A Festa de São Tiago em Mazagão Velho – Amapá”, nesse documentário além da narração da festa, encontram-se depoimento de moradoras mais antigas e de jovens que também carregam consigo a tradição da festa. Segundo o IPHAN, embora a encenação da batalha entre mouros e cristãos constitua o cerne da Festa de São Tiago, é preciso considerar que para a população local trata-se, sobretudo, de uma festa religiosa (com missas, procissões, novenas, círios), agregando também elementos profanos (danças, músicas, bingos, arraiais, teatro). A Festa de São Tiago pode ser caracterizada, deste modo, como uma expressão do catolicismo popular. Esse caráter da Festa, causa há

³ Trata-se de uma Forma de expressão identificada pelos mazaganenses como o grito da vitória dos cristãos. Laurent Vidal (2005) pontua que a palavra vominhê vem da contração da expressão “vamos nele”.

muito tempo tensões com a igreja católica, de modo que nem sempre um padre se disponibiliza a rezar a missa de São Tiago, dia vinte e cinco de julho, cabendo à comunidade expressar seu louvor através das novenas e do “Salve Rainha”.

As novenas, aliás, são rezadas pela comunidade diariamente ao longo da Festa, de maneira independente, uma vez que não há padre na localidade. A única cerimônia eclesial dessa celebração é a missa campal em homenagem a São Tiago, rezada no campo em frente à capela.

Imediatamente após a missa, é iniciado o Círio e este, conta com a presença das figuras da Festa. Em fila indiana, mouros posicionam-se à esquerda do cortejo e cristãos à direita, as figuras de São Tiago (vestido de verde, carrega um escudo e uma espada embainhada), São Jorge (utilizando vestes amarelas e carrega uma bandeira branca estampada com duas espadas cruzadas em vermelho) e Menino da Caldeirinha. Na saída do Círio, São Tiago levanta a espada na capela onde estão guardadas as imagens de São Tiago e São Jorge e jura: *“juro pela cruz de minha espada que defenderei a fé cristã contra os inimigos e que só a colocarei na bainha quando der por fim essa batalha, com a nossa vitória”*. Em seguida, as imagens são carregadas por quatro homens em um andor decorado à frente de cada uma das figuras.

Imagem 1: Juramento feito por São Tiago antes do círio



Fonte: Secretaria de Comunicação – SECOM, 2014

A figura de São Tiago é protegida por um quadrado de cordas, garantindo a ele espaço para fazer evoluções a cavalo. Travessa 15 de novembro, Rua Senador Flexa, Travessa N. Sra. da Assunção, Rua Dom Macedo Costa, Travessa Senador Antônio Lemos, novamente Rua Senador Flexa, chegando à igreja, onde as imagens são expostas para a população. Além do Círio⁴ há no mesmo dia (25/07), logo após a encenação da batalha, o Recírio⁵ no qual as imagens são retiradas da igreja e novamente guardadas na capela. A noite é realizado O Baile de máscaras, em regozijo à vitória que pretendiam sobre os cristãos, o baile é realizado pelos mouros que através dele oferecem a oportunidade de anonimato ao cristão para que passasse para o seu lado.

Antes do convite para o baile, os mouros oferecem um “tratado de paz” aos cristãos em forma de iguarias, sendo que estas estão envenenadas, os cristãos por sua vez desconfiam e jogam a comida aos animais dos mouros e guardam o restante para uma contra ofensiva.

Imagem 2: Baile de máscaras



Fonte: – SECOM 2014

⁴ Procissão que percorre as principais ruas de Mazagão Velho, onde os fiéis acompanham a imagem de São Tiago sendo carregada por pessoas escolhidas dentro da própria comunidade, geralmente pessoas mais velhas que tem um longo histórico de construção da festa.

⁵ Nova procissão que conduz a imagem da igreja para a capela de São Tiago.

Os cristãos vão ao baile com o objetivo de distribuir a parte restante das iguarias envenenadas aos mouros. Na alvorada do dia, os mouros percebem o que havia sucedido ao encontrarem os animais mortos e resquícios da comida envenenada sobre o chão. Desesperados, percebem que muitos dos soldados que participaram do baile estão mortos, inclusive seu rei - o Rei Caldeira. Morto o rei Caldeira, vítima de sua própria armadilha (o envenenamento) é aclamado rei seu filho, o Menino da Caldeirinha. O baile de máscaras em Mazagão ocorre na noite do dia vinte e quatro de julho no Barracão de São Tiago.

Nessa ocasião, os brincantes, sempre homens (às mulheres não é permitido participar do baile de máscaras) chegam para o baile com roupas de mulher e com a identidade protegida por uma máscara. Os brincantes recebem bebidas alcoólicas (cervejas) doadas por autoridades e convidados, no entanto é proibido beber no salão de dança. Eles o fazem no “acampamento” um local armado atrás do barracão onde também os brincantes vão para trocar ou emprestar as máscaras a outros homens que queiram participar da dança. Denominados “máscaras”, esses brincantes anônimos assumem um caráter de transgressão, provocando certo medo, especialmente nas crianças.

De acordo com o relatório feito pelo IPHAN, Antes de irem ao baile, os Máscaras costumam fazer uma concentração na casa de Raimundo Conceição dos Santos, o Sr. Conce, que há vários anos cuida para que esses brincantes não se excedam e comprometam o bom andamento da Festa. Desde as primeiras horas do dia o grupo começa a se concentrar no quintal da residência, onde confecciona um Judas, um boneco de pano em tamanho natural que representa, satiriza ou homenageia alguma pessoa importante da comunidade ou uma personalidade do momento. Lá também são preparadas as bebidas para serem consumidas no Baile e partilham um cozidão de carne bovina como almoço. Alguns Máscaras preparam a comida, enquanto a dona da casa apenas observa sorrindo a movimentação do grupo. A esposa do seu Conce diz que a presença dos Máscaras em sua residência é muito gratificante para a família, pois esse momento é caracterizado por enorme descontração, tanto da parte deles quanto das pessoas que vão visitá-los.

A Passagem do Bobo Velho trata-se da passagem de um espião mouro no acampamento cristão, com o objetivo de observar a força e a organização militar deles para então detectar fragilidades úteis à ofensiva moura. Descoberto pelos cristãos, ele

então foge sob uma saraivada de tiros. O episódio da passagem do Bobo Velho acontece ao meio-dia do dia 25 de julho. Galopando em alta velocidade, ele percorre a Rua Senador Flexa enquanto o povo joga bagaços de laranja em sua direção. O trajeto deve ser percorrido três vezes, partindo sempre do leste da vila, onde os mouros se posicionam para a batalha. Sr. Zé Cardinho, que representou o Bobo Velho várias vezes, relata que frequentemente era machucado, já que as pessoas envolvem pedras no bagaço da laranja.

Imagem 3: Passagem do Bobo Velho



Fonte: SECOM - 2014

Hoje o Bobo Velho é representado por três homens diferentes, um a cada percurso, e muito bem protegidos com travesseiros e capacete. Na tarde do dia vinte e cinco de julho acontece à batalha entre mouros e cristãos em frente à Igreja Nossa Senhora da Assunção, na Rua Senador Flexa. Ponto alto da Festa de São Tiago, esse episódio atrai muitos visitantes, que se acomodam nas arquibancadas ao redor da rua. Além das arquibancadas para os populares, há ainda um camarote para as autoridades e um palanque para os narradores da Festa.

O ponto alto da festa é a teatralização da batalha, em que os feitos dos portugueses cristãos contra os mouros mulçumanos são evidenciados. Assim, o ápice da festa é o aparecimento de São Tiago, o soldado anônimo que conduz os cristãos a vitória lusa.

Imagem 4: Encenação da batalha final entre mouros e cristãos



Fonte: SECOM - 2014

A festa na comunidade de Mazagão Velho é uma das manifestações culturais que vem ganhando prestígio significativo no estado do Amapá, em detrimento de outras festividades religiosas realizadas em Mazagão Velho. Dessa forma, observa-se que isto se dá tanto por seu caráter histórico religioso, quanto por seu aspecto turístico, que vem sendo mais difundido atualmente. Assim entra no rol das festividades religiosas turísticas que acontecem pelo Brasil, atraindo um crescente número de visitantes.

Contudo, a festa tem um diferencial, o seu caráter singular ao remontar as trajetórias desse povo que viveu um conflito religioso do outro lado do Atlântico, e que em sua memória saiu vencedor, buscando através dessa memória reviver as lembranças da batalha até os dias atuais. Dessa forma, os moradores da comunidade de Mazagão Velho, ao darem vida aos personagens emblemáticos de São Tiago e São Jorge revivem na lendária batalha a reafirmação de pertencimento à história de seus antepassados. A encenação da festa sempre foi realizada pelos filhos da comunidade e essa tradição

sempre esteve muito presente no cotidiano deste povo, que começa os preparativos meses antes, a fim de proporcionar um belíssimo espetáculo para a comunidade e seus visitantes.

A festa sempre foi organizada pela comunidade de forma que todos os moradores se sentem realizados ao preparar cada detalhe da festividade. Pois, é na memória deles que estão guardados os aspectos originais dessa tradição cultural que não precisa ser ensaiado, pois está enraizados no seu cotidiano. Diante da afirmativa de que tudo está passível de mudanças, a festa de São Tiago não ficou de fora das reinterpretações que ocorrem nas culturas como um todo. Assim, a introdução de novos elementos em culturas tradicionais se torna ambivalente à medida que avançam as gerações e assimilam os elementos advindos da modernidade.

Para fornecer aporte teórico à essa pesquisa é imprescindível que trabalhemos conceitos como o de memória, pois segundo a própria comunidade de Mazagão Velho, é o que sustenta e revive a festa anualmente. Sobre esse conceito, me aproximarei do que escreveu Ismênia Martins (2007) que entende memória como um fenômeno social, construído coletivamente e sujeito a constantes recriações. A mesma concepção ela aplica ao conceito de identidade, que segundo ela se fundamenta na memória e na interpretação do passado, quase sempre em função do presente e do futuro. E tal qual a memória, a identidade também é uma construção social sujeita a redefinições no tempo. Ambas estão expostas a questionamentos e disputas. (MARTINS, 2007).

Ao abordar temáticas como memória e identidade, Ricardo Oriá (2017) considera que elas estejam articuladas aos estudos sobre patrimônio cultural e que o ensino de história é o lugar privilegiado para a articulação dos conhecimentos na área de memória, identidade e patrimônio, pois a sala de aula é ambiente de grande diversidade, sendo um importante local para o exercício da cidadania.

Consideramos que a escola e, em particular o ensino de História, tem um papel fundamental nesse processo. É ela, em última instância, o *locus* privilegiado para o exercício e formação da cidadania, que se traduz, também, no conhecimento e na valorização dos elementos que compõem o nosso patrimônio cultural. Ao socializar o conhecimento historicamente produzido e preparar as atuais e futuras gerações para a construção de novos conhecimentos, a escola está cumprindo seu papel social. (ORÍÁ, 2017. p. 130)

Ricardo Oriá destaca a importância do estudo da memória e do patrimônio cultural, que em sua visão deve ser entendido não apenas como patrimônio arquitetônico,

mas como um conjunto de bens que atestam a história de uma sociedade (ORIÁ, 2017). No tocante à memória e identidade cultural, ele considera que a primeira é extremamente importante na construção da segunda, pois:

É a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem isso, a população urbana não tem condições de compreender a história de sua cidade, como seu espaço urbano foi produzido pelos homens através dos tempos, nem a origem do processo que a caracterizou. Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos e deveres e sujeito da história. (ORIÁ, 2017, p. 139)

Podemos entender, portanto, que a Festa de São Tiago é uma importante manifestação cultural do Amapá, que pode ser considerada um patrimônio cultural, pois possui especificidade locais e históricas que nos remonta o período colonial brasileiro, sendo importante inclusive para o cenário historiográfico internacional, através de toda a história de guerras entre mouros e cristão na península Ibérica e no norte da África. Como estudante e amapaense sempre achei extremamente interessante e curiosa a história de uma pequena vila no interior do Amapá que tenha uma intensa ligação com batalhas religiosas e territoriais ocorridas do outro lado do oceano Atlântico, e enquanto amapaense nunca estudei nas aulas de história essa questão a fundo, por isso particularmente considero bastante necessária trazer essa discussão sobre esse importante patrimônio cultural amapaense para dentro das escolas do Amapá.

Identidade também é um conceito essencial para o desenvolvimento desta pesquisa e está invariavelmente ligado ao conceito de memória, pois a identidade cultural de um grupo, cidade, comunidade ou país se faz através da memória individual e coletiva. Ainda na perspectiva de Ricardo Oriá, a cidadania desse grupo só se constitui verdadeiramente quando essa sociedade decide preservar seus bens culturais, por isso destaca a importância da educação patrimonial para a formação dessa cidadania.

Podemos entender a memória e a identidade como objetos intangíveis e indefiníveis do ponto de vista material, e que essa intangibilidade constitui as representações sociais e os valores nutridos pela sociedade. No caso de Mazagão a festa representa a manutenção da memória coletiva construída por essa comunidade há mais de dois séculos. Essa visão a respeito das festas pode ser aplicada à narrativa do senhor

José Osana Nunes⁶, que considera que a festa de São Tiago surgiu bem antes de 1777, ano no qual os principais documentos datam a primeira realização. Para ele a memória já é uma forma de festejar.

Mazagão foi fundado em 1770 e em 1777 começa a serem exibidas as primeiras batalhas, os primeiros episódios das lutas dos cristãos e mouros. Só que eu em meu pensamento e no meu ponto de vista digo que não. Eu digo que vem a muito mais tempo, que só de você trazer na sua memória a sua história... Então no momento em que você preservou, que pra mim já começa a contar. (...) então só do fato de termos hoje esse patrimônio deixado por eles e eles preservaram tenho certeza no seu grande recurso maior que foi sua memória. Isso aí pra mim, eu conto a festa de São Tiago muito antes desde a saída deles. Pra mim, de lá do destino deles para Mazagão Amazônica já veio a festa de São Tiago porque já veio na memória deles. (Trecho de entrevista com José Osana Nunes. INRC – IPHAN, 2011).

No contexto da Festa de São Tiago memória e identidade cultural são indissociáveis, pois são os principais realizadores da festa anualmente. No relato do senhor José Osana, percebemos que ele também compreende essa perspectiva, de que o patrimônio, no caso a festa, é mais que uma materialização, a festa não está somente nas vestes, nas missas, na encenação, a festa está e esteve na memória de seus antepassados por mais de dois séculos e ela hoje, apesar de algumas mudança, é formadora das identidades culturais na comunidade de Mazagão Velho.

Muito se fala a respeito das identidades em Mazagão e como é possível ainda, depois de tantos anos, manter a memória e as tradições culturais em meio a tantas novidades e transformações. Stuart Hall (2004) analisa esse processo como uma globalização das identidades, onde se busca aprimorar as identidades culturais locais, para que estas sejam inseridas na sociedade global. Dessa forma, a globalização cria um processo de massificação da cultura popular.

Nessa premissa, Hall (2004) discute a crise da identidade na pós modernidade, onde mostra que as constantes transformações da sociedade pós moderna ou globalizada tendem a causar conflitos entre as identidades, onde essas, ao entrarem em contato com outras, podem ganhar ou perder elementos essenciais em sua cultura. Precisamos encarar essas mudanças como algo natural nas sociedades, pois quando se trata de identidade

⁶ Morador de Mazagão Velho e realizador da festa a muitos anos.

social ou cultural, não podemos concebê-las como algo estático e parado no tempo, pois estão sempre em constantes transformações.

Diante disso, a Festa de São Tiago configura-se como um importante patrimônio cultural imaterial do Amapá, e mesmo que tenha sofrido graduais transformações, ainda guarda em sua essência o principal elemento que precisa para continuar existindo, a memória. Devemos assim, buscar conhecimento sobre as formas de educação sobre esse importante patrimônio, auxiliando na preservação cultural dele.

Marcia Almeida Gonçalves (2007) analisa os conceitos polissêmicos de *história*, que pode ser entendida tanto como experiências vividas, como também o conhecimento e pesquisa dessas experiências. Já o adjetivo local, faz referência a *lugar* e as ações sobre esse lugar, para ela “a história local é, em intrínseca complementaridade, conjunto de experiências de sujeitos em um lugar e, também, o conhecimento sobre o conjunto dessas experiências. (GONÇALVES, 2007. p. 177)

A referida autora baseia-se nas ideias de Alain Bourdin (2001), que entende a questão local como sociabilidade marcada pela proximidade nas relações entre os indivíduos, podendo ser articulado também ao conceito de comunidade. Nessa perspectiva, os estudos locais podem nos dar subsídios para análise de questões como memória, identidade e, sobretudo, o conhecimento histórico e consciência histórica. Os estudos locais contribuem para uma melhor compreensão das ações dos sujeitos sobre determinado espaço ou unidade geográfica. Sobre a história local, Gonçalves acrescenta:

A nós interessa, no entanto, destacar uma concepção de história local que a entenda como conhecimento histórico produtor de uma consciência acerca das relações entre as ações de sujeitos individuais e/ou coletivos em um lugar, dimensionado em sua ordem de grandeza como uma unidade. O estabelecimento desses lugares/unidades, por seu turno, se materializa na ação dos homens no mundo, ou seja, no curso de suas experiências históricas, nas quais se inserem os atos de nomear, leiam-se identificar e localizar, os lugares onde se vive. (2007. p. 178)

Podemos compreender a História Local como um campo de abordagem que privilegia a formação da consciência histórica, sobretudo na sala de aula, pois apesar de estarem vivendo em ambiente comum e próximo, os alunos vivem suas realidades sociais e culturais diferentes umas das outras, influenciados também pelo crescente processo de globalização que possibilita que diferentes culturas possam interagir entre si. Sobre a temática, Maria Auxiliadora Schmidt destaca:

Ao se propor o ensino de História Local como indicativo da construção da consciência histórica, não se pode esquecer de que, no processo de globalização que se vive, é absolutamente indispensável que a formação da consciência histórica tenha marcos de referência relacionais e identitários, os quais devem ser conhecidos e situados em relação às identidades locais, nacionais, latino-americanas e mundiais. Estas considerações são reveladoras de que, como critério para seleção e organização dos conteúdos, a História Local traz uma maneira bastante complexa de pensar e fazer a História, em termos de aprendizagens e concepções, colocando em destaque a perspectiva da diversidade e pluralidade das identidades. (2007. p. 190)

A autora considera importante que ao se propor a trabalhar a História Local em sala de aula, possamos interligá-la a História Geral, pois ela sozinha não se auto explica. Dessa forma, a História Local precisa de uma metodologia própria que não a isole do contexto nacional e mundial. Trabalhar História Local em sala de aula proporciona à professores e alunos a possibilidade de se aproximarem das formas pelas quais são produzidos os saberes históricos, permitindo a construção de novas formas de saberes e entendendo o caráter mutável do conhecimento histórico ao longo do tempo.

A história local fornece ao estudante competências para a realização de reflexões sobre experiências dos homens no tempo, para também compreender a realidade econômica, social e política em escala regional ou local e seus nexos com o nacional e o global (BARBOSA, COLARES, RODRIGUES, SOUZA, 2017). Os mencionados autores trazem também uma discussão sobre como a história local, sobretudo a da Amazônia, foi deixada de lado pelos principais exames nacionais para ingresso em universidades, como o ENEM por exemplo. Para eles, o intuito do Governo Federal é criar uma identidade nacional que não contemple as especificidades locais, nem contemple a complexidade social e cultural das diversas regiões do Brasil. Portanto, o estudo das manifestações culturais locais é um importante caminho para a construção de identidades plurais que contemplem as várias camadas da sociedade. Na visão de Barros (2013) a memória, sobretudo a local, serve como orientação para enfrentar as incertezas do presente e do futuro, além de possibilitar o estudo mais detalhado da realidade próxima de docentes e alunos:

O ensino de história local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, pela possibilidade de trabalhar com a realidade mais próxima das relações sociais que se estabelecem entre educador / educando / sociedade e o meio em que vivem e atuam. (BARROS, 2013, p. 03)

O estudo da memória e da história local possibilita que o professor parta das histórias individuais e dos grupos onde esses indivíduos estão inseridos, para então abordá-las em um contexto mais amplo. Desse modo, a presente pesquisa abordará a importância dessa festa não somente no âmbito local, mas sim em um contexto nacional e global, haja vista que ela conta a história de lutas que aconteceram em outro continente e apesar de sua grande relevância local e nacional, ainda é pouco estudado no campo da História, sobretudo pelo Ensino de História. No que diz respeito ao ensino de história ela trará grande contribuição na medida que ajudará o professor a trabalhar didaticamente essas peculiaridades locais, situando-as também no seu conteúdo de história geral.

Durante a construção deste trabalho, o propósito será compreender como as questões ligadas à memória, identidades e a História Local podem nos proporcionar novas experiências e novas formas de ensinar História na sala de aula.

2 A HISTÓRIA DA FESTA DE SÃO TIAGO E SUAS POTENCIALIDADES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

2.1- SÃO TIAGO E O POVO MAZAGANENSE

Mazagão, uma cidade projetada no período colonial, que persiste até a contemporaneidade e ainda com uma carga histórica desconhecida. Esta é uma boa forma de apresentar a figura ilustre deste trabalho acadêmico: Mazagão Velho. Mais precisamente, será analisada uma das manifestações mais significativas do Estado do Amapá, a festa de São Tiago que ocorre na região a mais de duzentos anos.

Antes de tudo é preciso entender os motivos pelos quais esta festividade é tão significativa e simbólica não somente para seus participantes, mas também para a História do Amapá. A historiografia tem-se voltado para esta temática, mas antes de tudo precisa-se introduzir discussões sobre a colonização da região amazônica para a partir daí compreender como a atual Mazagão Velho foi estabelecida.

Pesquisas referentes à ‘conquista’ da região amazônica demonstram que durante esse período de conquista, a região é conhecida por muitos historiadores como uma área pobre, e inóspita, mas com grande fonte de Drogas do Sertão. Havia um elevado número de aldeamentos (mais de 60) e aproximadamente 9 povoações portuguesas. Santos (2012) caracteriza a Amazônia portuguesa até meados do século XVIII como:

Uma terra muito pobre e subpovoada de gente branca e de índios aldeados, possuía uma economia com base numa dupla atividade predatória: a extração de recursos naturais (as drogas do sertão) para a exportação e a retirada dos índios de suas aldeias de origem para o trabalho compulsório (escravo ou livre), no serviço real, nas missões e nos meios de produção dos colonizadores. Estes indígenas proporcionavam a mão-de-obra básica, numa região pobre demais para importar escravos africanos em número suficiente” (SANTOS, 2012, p. 23).

Assim, a Amazônia é muitas vezes caracterizada como uma área pobre e sem valor, mas que, paradoxalmente, forneceu o braço mais explorado até então e uma das principais riquezas: os indígenas. Até a conjuntura do governo de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, o leste amazônico estava tomado por missões religiosas que foram se expandindo gradativamente à parte mais ocidental. Contudo, o Estado Português, em 1755, tomou partido e as rédeas de um projeto bem mais sistemático, em que não havia mais espaços para mandos missionários.

Comparativamente a mão-de-obra indígena e sua significativa importância, as etnias negras introduzidas na Amazônia tendem a ter seu destaque econômico diferenciado. Vicente Salles em o *“Negro no Pará”* interpreta a participação africana como crucial para a formação da Amazônia pela sua cultura e elaboração social. Revela ainda que esta presença de escravizados negros não foi quantitativamente expressiva, mas que durante o regime escravocrata foi à base da economia colonial.

Neste sentido, os escravos africanos são relacionados ao aparecimento das fortificações implantadas nas beiradas dos principais rios: Negro, Amazonas, Guaporé e outros. Uma das justificativas para esta quase invisibilidade são os altos custos que esta mão-de-obra exigia. Logo, a tríade, construção das fortificações, a inauguração de Vilas e a inserção de mais escravos negros na região amazônica, dão o tom para a introdução de Mazagão no discurso historiográfico.

Mas não se trata de evidenciar somente os aspectos econômicos da presença negra na Amazônia. No caso do Amapá, a grande formação de quilombos no interior do estado e a forte influência da cultura negra nas festividades locais mostram que as heranças dos povos trazidos para serem escravizados perduram até os dias atuais. Assim, a transferência das famílias, e a própria formação de vilas como a de Macapá (1758) e Nova Mazagão (1770), ajudaram na edificação de um novo cenário.

As referências sobre o tema não abundam a lista dos mais pesquisados na historiografia, no entanto, possui sua significativa relevância. Vidal (2008) afirma que a motivação para a vinda (fuga) de várias famílias para a região conhecida como Mazagão Velho foram introduzidas por conflitos políticos-religiosos. De acordo com o autor foi uma tentativa do imperador mulá Mohamed de unificar os xerifes⁷ árabes e tribos berberes. Para isso, tinha-se que tomar Mazagão e para o efeito cercaram a praça-forte, forçando Portugal a abandonar a região. Em 11 de março de 1769, estima-se que 2092 pessoas fogem para Lisboa, lá permanecendo por cerca de seis meses. Em setembro do mesmo ano, duas esquadras partiram para Belém. Todo o trajeto (Mazagão – Lisboa – Belém) foi administrado por Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

O início da transferência das famílias oriundas da Mazagão Africana para a Mazagão no Grão-Pará nos revela alguns pontos significativos. O intuito de fixação no

⁷ Chefes políticos das tribos que estavam por dominar a região onde se situava Mazagão – no Marrocos.

território está evidente na própria composição familiar, pois estas eram compostas por pais, filhos e até escravos. Além do mais, algumas pessoas chegaram com ocupações já traçadas, como carpinteiros, agricultores e, juntamente a isto, com endividamentos acumulados durante a instalação em Belém, forçando-os a depender da Capitania. (VIDAL, 2008)

Objetivando fixar e criar vínculos dos novos moradores com esta região no período colonial, o cultivo de produtos como o arroz, o algodão, o tabaco foram incentivados. Contudo, a localização da Nova Mazagão a desfavorecia em relação a outras vilas, como a de Macapá, pois se encontrava muito afastada da margem do Rio Amazonas e, por consequência, sofria com o difícil escoamento de seus produtos. Assim, o projeto colonizador não favorecia igualitariamente as vilas implantadas.

Para historiadora Rosa Acevedo Marin, a colonização das vilas de Macapá e Mazagão deve ser considerada como uma via de mão dupla. Pois, em concomitância ao discurso de defesa do território, a colonização das áreas fronteiriças do país colabora para a comprovação do caráter mercantilista do governo imperial, que se destinava ao desenvolvimento agrícola e extrativista, originando desta forma, outro discurso ideológico: "empreendimento colonial civilizador" (MARIN, 1999, p. 48).

Percebe-se assim, segundo Andrade e Souza (2005) que a instalação das famílias mazaganenses na Amazônia reflete uma mudança na orientação político administrativa portuguesa na região. Pois, se até a metade do século XVIII a Amazônia esteve praticamente esquecida pela coroa, a partir da administração pombalina, a valorização dessas terras tomou proporções significativas. Tanto que o caso da fundação da vila de Mazagão Amazônica encaixa-se nesse contexto de elaboração de políticas que visassem colonizar, defender e explorar as terras dessa região.

Após alguns anos de espera para a instalação, os primeiros moradores de Mazagão Amazônica logo se viram em condições inesperadas. A falta de alimentos, isolamento quanto a outras localidades mais providas, falta de recursos os posicionavam em condições antes imprevistas. Com isso, é válido acreditar que após quase uma década de fundação, o projeto de construção ainda estava incompleto. Doenças, epidemias, conflitos sociais e problemas econômicos fizeram com que em 1778 a vila entrasse em declínio.

Diante daquele cenário, a partir de 1783 os mazaganenes foram transferindo-se para outras localidades, surgindo assim em 1915 – Mazaganópolis, a atual Mazagão Novo, (ANDRADE; SOUZA, 2005). Após a criação de Mazagão Novo, a antiga vila Mazagão Amazônica ficou conhecida como Mazagão Velho, se tornando uma comunidade pouco povoada, mas que continua a expressar sua tradição, cultura e história bicentenária.

Nesse contexto, as criações das vilas no Brasil colonial, segundo Coelho (2008) modificaram os espaços e as relações sociais. No tocante a presença escrava negra na região e sua simbologia para o imaginário da festa, percebe-se que há uma tentativa de aproximação do passado colonial ao presente. Ou seja, ao mesmo tempo em que historiograficamente se diz que centenas de escravizados advinham de Angola, Bissau e Cacheu, há uma preferência por acreditar que os moradores da Mazagão amazônica são descendentes diretos de africanos marroquinos, devido a sua história e cultura logadas ao embate político-religioso acontecido na cidade de Mazagão africana. Buscando sempre justificar sua formação cultural, os mazaganenses elaboraram, ao longo dos séculos, identificações para formar sua própria historicidade.

Nesse contexto, a vinda de dezenas de famílias para este pedaço de terra, caracterizada por muitos como fuga, simboliza a efetivação do projeto de povoamento do norte amazônico, sendo que o quantitativo destas com destino à Mazagão não é exato. Contudo, é relevante observar que a construção do imaginário da comunidade mazaganense contemporânea se constitui na perspectiva de que os africanos reconhecidos por eles como autênticos marroquinos elaboraram a tradição da festa e a trazem até a contemporaneidade. Logo, a história da formação da comunidade é constantemente remodelada por seus habitantes.

A atual formação social de Mazagão Velho é herdeira de toda a carga histórica de seus antepassados, e diante disto a ligação destes com a construção da festa é muito forte. As maneiras construídas por eles para repassar esta história caminha junto ao senso comum, mas sempre dialogando com a conservação deste patrimônio coletivo.

A Festa de São Tiago é uma tradição cultural que envolve toda a comunidade de Mazagão Velho e seus arredores trazendo visitantes da capital e de outras localidades também. Mas, para a vila histórica de Mazagão Velho essa festividade vai além de seus aspectos religiosos, pois remonta as lembranças de seus antepassados, reafirmando assim

a reivindicada identidade dos remanescentes das famílias transferidas da Mazagão Africana no século XVIII. Essa tradição cultural é rememorada a mais de dois séculos por esse fervoroso povo que evoca sua descendência de portugueses e escravizados africanos.

Assim, a história de Mazagão foi construída atendendo aos planos idealizados pela administração do Marques de Pombal, nos moldes da política de ocupação e defesa do território português. Dessa forma, a coroa portuguesa viu na transferência dessas famílias a resolução de dois impasses: primeiro era a falta de povos que colonizassem as terras da foz do rio Amazonas, segundo eram os conflitos religiosos entre mouros e cristãos que ocorriam no Marrocos. É este significativo impasse religioso que dá vida a lendária batalha que é rememorada anualmente pelos filhos de Mazagão, sobrevivendo assim até os dias atuais.

Imagem 5: Possessões portuguesas no Marrocos (1415-1769)



Fonte: pinterest.com

Mazagão não era a única cidade portuguesa no Marrocos, mas foi uma das que resistiu mais tempo às investidas dos exércitos mouros, por isso foi uma das últimas a ser remanejada ou transferida. A vinda das famílias de Mazagão africana para a região norte da colônia portuguesa, se deu em meio ao processo de reconquista da península ibérica, que estava sendo dominada pelo império árabe. A transferência dessas famílias foi uma

forma de resolver o empasse religioso na África e o problema de povoamento nas fronteiras de sua colônia brasileira. Sobre isso Vidal (2008) escreve:

A situação de Mazagão se deteriora fortemente durante os anos de 1770. Deve-se dizer que o apoio de Lisboa vai rareando a cada dia e tona-se especialmente irregular. A fronteira da África do Norte não é mais de fato um alvo político de Portugal, doravante totalmente concentrado no Brasil, cujas fronteiras estão ameaçadas ao sul e ao norte e cujas remessas de ouro estão em nítido decréscimo. (VIDAL, 2008. p. 37)

A preocupação com a colônia brasileira aumentava, na medida que as investidas estrangeiras se tornavam mais efetivas, enquanto isso, as colônias africanas que já não vinham recebendo a mesma assistência há algum tempo, tinham que enfrentar as sucessivas invasões dos árabes, que acabariam por tomar, quase que totalmente, a referida região. As condições de Mazagão africana se agravavam com o decorrer do tempo, a falta de equipamentos e ferramentas para combater a invasão moura, aliada a fome que assolava a região contribuiu para que a própria população passasse a enxergar o abandono do local como uma solução possível.

Mesmo com todas as evidências apontando que Mazagão seria conquistada pelos mouros, sua população continuava a lutar por sua terra. Já o governo português continuava a abandoná-los e a não prestar a assistência necessária, até que, por fim, em 1769 decidiu que a população deveria deixar sua cidade, seu espaço vital de sociabilidade. A transferência da cidade foi um deslocamento de seres humanos, seus bens materiais e, sobretudo, sua memória para o outro lado do oceano.

Mazagão não passou de um peão no imenso tabuleiro do império, um peão que pode deslocar a bel-prazer e fazer escorregar de uma casa a outra. A primeira casa será justamente Lisboa. Mas, se o espaço do poder é abstrato, o dos habitantes é um espaço de experiências, vivo, carregado de signos. (VIDAL, 2008. p. 48)

Diante do deslocamento inevitável, a história da cidade de Mazagão pode ser entendida como um deslocamento de diversas histórias individuais, sendo que o governo português não tratou essa população com a seriedade merecida. É a partir desse deslocamento que começa a história desse povo em terras distantes e diferentes de seu espaço nata: inicialmente Lisboa, em seguida Belém e por fim as terras amapaenses, onde até hoje essa história é contada e ressignificada anualmente em forma de uma grande manifestação cultural, compreendida como um dos importantes patrimônios culturais locais, com grande potencialidade para o ensino de história.

2.2- A FESTA DE SÃO TIAGO EM MAZAGÃO VELHO: ENSINO E PRESERVAÇÃO CULTURAL

Como já apresentado, a festa de São Tiago constitui o objeto desta pesquisa, e objetivaremos destacar a representação desta festividade como importante patrimônio imaterial do Amapá, podendo ser também um grande objeto para os estudos da educação patrimonial. As narrativas construídas pelos participantes podem revelar o prazer na elaboração desta celebração que extrapolou as décadas e apesar de ter sofrido gradativas transformações, não deixou de carregar sua essência desde os tempos coloniais.

Comumente chamamos esse tipo de festividade como “festas tradicionais” e analisando a definição da palavra tradição, observa-se que as produções culturais do passado têm poder de se estabelecerem também no presente e se tornar indispensáveis no cotidiano local. Silva diz que este termo pode ser entendido como “um conjunto de práticas e valores enraizado nos costumes de uma sociedade” (SILVA, 2009, p. 405). Podemos, dessa forma, entender que as tradições estão presentes em todas as sociedades e em diferentes temporalidades.

A Festa de São Tiago representa para o imaginário local a reflexão sobre os aspectos da religiosidade popular, mas também evidencia a sociabilidade presente em Mazagão Velho, pois ao passo que reflete o passado colonial de seus ancestrais, os atuais participantes da festa deixam suas marcas do presente nas novas formas de organizá-la. Nesse sentido, é comum no Brasil a existência de festas nas quais mesclam-se elementos da cultura afro-brasileira com a devoção católica, tornando-as festas populares de caráter profano-religioso.

Analisando a religiosidade popular no Brasil Colônia, Souza (1986) considera que a originalidade da cristandade brasileira residia na mestiçagem, na excentricidade e no eterno conflito. Ainda na visão desta autora o cristianismo vivido pelos habitantes do Brasil colônia caracteriza-se por um constante desconhecimento dos dogmas católicos. Assim, as festas populares na América portuguesa são descendentes do catolicismo popular, sendo este uma constante oscilação entre os elementos católicos e os da cultura afro e indígenas. A autora traz à tona a discussão sobre a religiosidade colonial, mostrando as manifestações como ritos e festas, como o lado “alegre da religião colonial”.

Desde a colonização portuguesa, as festividades e celebrações públicas comportavam interligações entre o profano e o religioso, destacando o caráter sincrético das celebrações coloniais. As festividades caracterizavam-se pela conotação política, juntamente com o intuito de reforçar estruturas que visavam manter a ordem social. Tanto igreja quanto Estado Monárquico criavam mecanismos que pudessem sobrevoar as esferas sociais. Assim, festas e celebrações no interior do Brasil Colônia eram constantes afirmações políticas da monarquia vigente e das forças eclesiásticas que norteavam a afeição por rituais e cerimônias públicas. Isto se vale pela grandiosa lista, entre elas: o aniversário, ou falecimento, ou coroação, ou chegada de cavalarias de monarcas; dias santos e chegada de algum bispo a localidade.

Diante disso, constata-se que as festividades tradicionais no Brasil são incentivadas por algum propósito, para Paiva (2001) seria a utilização do ritual como comunicação para a firmação de poder e disseminação de etiquetas e normas não exclusivas da monarquia, pois foram também largamente utilizadas pelos membros da igreja católica objetivando a afirmação de seu status.

Martins (2006) considera que as festas religiosas na Europa moderna tinham também grande influência de elementos profanos, como a inserção de danças e dramatizações. A autora descreve que “embora houvesse danças religiosas para celebrações desse tipo, acabaram interligando-se a elas outros bailados poucos cerimoniais e de forte apelo popular” (MARTINS, 2006, p. 43). Assim, as festas populares no Amapá são exemplos de festividades de caráter profano religioso que se pautam em celebrações católicas (as festas de santos, como a de São Tiago) que incorporam elemento de outras culturas, no caso a cultura africana, a exemplo do Marabaixo, dançado na maioria das celebrações tradicionais do estado.

Outro elemento que esteve presente nos festejos da Europa moderna e que se enraizou na tradição da festa de São Tiago eram as dramatizações. Ainda na visão de Martins “o teatro fazia parte do conjunto de manifestações festivas típicas da época e costumava acompanhar as festas, fossem profanas ou religiosas, cortesãs ou populares” (MARTINS, 2006, p. 43). A autora considera ainda que as festas populares religiosas, principalmente as que homenageavam os santos padroeiros, eram muitas vezes pretextos para o “prazer mundano”, onde havia grandes ocorrências de consumo de álcool e aventuras amorosas. Martins analisa essas festas como acontecimentos que criavam redes

de sociabilidade nas quais além de distrair e alegrar a população, enalteciam o poder da Monarquia e da Igreja.

O processo de colonização da América remodelou os formatos das festas tradicionais da Europa, pois o Novo Mundo surgiu como um espaço de mistura e intercâmbio cultural, combinando religião, festa e cultura popular. Essas festas realizadas nas colônias serviram para a criação de identidades culturais cada vez mais híbridas e miscigenadas. Caracteriza-se, nesse contexto, a Festa de São Tiago como um evento tradicional que exala as identidades de Mazagão Velho, identidades essas que se sustentam em afirmações constantemente questionadas pela ciência histórica (como lendas e mitos), mas que são repetidas por várias gerações, e acabam perpetuando-se no presente de muitas sociedades.

Em Bastide, o sincretismo aparece como uma das características dos países que conheceram a escravidão, e que, portanto, misturavam raças e povos, impunham a coabitação de diversas etnias num mesmo lugar, e levavam à “criação, acima das nações centradas nelas mesmas, de uma nova forma de solidariedade de cor”. A tese de Bastide é a de que cada elemento que compõe o que ele chama de “sociologia do bricolage” tem um lugar determinado, e que o conjunto de todos os elementos só ganha sentido enquanto resultado das novas interações destes mesmos elementos quando postos em contato. Nessa perspectiva, as diversas etnias africanas que chegaram ao Brasil não só fundiram-se em diferentes combinações afrocatólicas, como terminaram por fomentar um outro sincretismo — o das próprias religiões africanas que aqui se encontraram. (HERMANN, 1997, p. 491-492)

Segundo esta autora há nos estudos sobre a religiosidade popular brasileira, uma via de mão dupla, pois é comum encontramos neles fortes traços da religiosidade africana e ameríndia contribuindo para miscigenação seja no âmbito étnico ou cultural, da mesma forma que essas religiões africanas e ameríndias também, sofreram transformações pelo catolicismo. Ao mesmo tempo percebemos essa história como rica e complexa, na medida que o sincretismo presente na sociedade vai além de questões étnico-raciais e envolve aspectos culturais e sociais do território brasileiro.

Como já mencionado aqui, o patrimônio imaterial engloba aspectos pertinentes aos saberes, crenças e tudo que diz respeito a bens culturais não tangíveis, sendo assim, as festas religiosas estão nesse contexto. Falar em patrimônio imaterial, ainda hoje traz questionamentos, seja quanto ao seu real conceito ou as práticas de reconhecimento e preservação deste, com isso podemos destacar que as festas de caráter profano religioso tendem a mesclar elementos da cultura material e imaterial na sua elaboração de maneira

que seja possível mostrar sua grandiosidade cultural e preservar as memórias e costumes da sociedade que a produz.

A UNESCO em convenção mundial em 2003 considera que ao usufruir do patrimônio imaterial somos capazes de retomar e reforçar as identidades, além de considerar que a transmissão do patrimônio imaterial eleva a autoestima das comunidades e cria situações de promoção e respeito a diversidade cultural e a criatividade humana. No âmbito nacional o IPHAN busca através do Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) registrar e criar diretrizes para a salvaguarda desse patrimônio, contudo ainda não há uma efetiva política que dê verdadeiro suporte às comunidades tradicionais desenvolverem e protegerem seus bens culturais imateriais. Para Carle e Farinha (2014) as questões culturais ainda são consideradas como secundárias, pois apenas o ato de registrar não é o suficiente para garantir a preservação do patrimônio imaterial, o registro apenas concede informações que indicam como fazê-lo de forma sustentável para que continue existindo. Os estudos sobre patrimônio imaterial ainda têm um longo caminho para uma verdadeira educação que registre, valorize e realmente mobilize a sociedade para cuidar e preservar o patrimônio cultural.

Ainda tratando das festas religiosas populares, percebemos que no Brasil, apesar do catolicismo ter tentado durante muito tempo apagar traços de outras culturas e manifestações religiosas, ele também sofreu influência delas. A discussão sobre essa religiosidade popular apesar de recente é rica e diversa. Percebemos que ela caminha na mesma direção dos estudos sobre patrimônio e educação patrimonial, na medida que as festas religiosas no Brasil se apresentam com um dos principais patrimônio imateriais. Ainda sobre a temática, Carle e Farinha acrescentam:

A religiosidade no Brasil é marcada pela diversidade. Possui características de caráter branca, negra e indígena, sincretizando espiritualidades diversas num todo específico. Do catolicismo tradicional fazem parte muitas práticas populares de devoção a santos, promessas, milagres, peregrinações. Para os estudos de religião como patrimônio cultural e memória social os rituais de festa, as comemorações sagradas são de extrema importância para caracterizar o sentimento, o caráter de determinada cultura. (CARLE; FARINHA, 2014. p. 87)

Os autores evidenciam a importância dos processos religiosos para os estudos do patrimônio e educação patrimonial. Partilhamos dessa visão quando analisamos a festa

de São Tiago, pois além de uma longa história, possui elementos que ajudaram na formação das memórias e identidades locais.

Ao analisar as festas religiosas populares no Brasil, percebe-se que além do caráter sincrético, elas também articulam elementos mais tradicionais (características praticamente imutáveis a sua história), mas acabam também, com o passar do tempo, adquirindo elementos da atualidade. Podemos dizer que as festas tradicionais também se reformulam pela modernidade. Caponero e Leite (2010) consideram que:

a maioria das festas que atualmente ocorrem no país tem caráter religioso, algumas tiveram sua origem no século XVIII, onde a simbologia da festa justificava ou explicava a crença e a devoção aos santos, mas possuem outros aspectos que vão além da fé, pois os componentes estruturais acabam se extinguindo com o passar do tempo dando lugar a outros, indicando mudanças ao longo do tempo e transformando-as em festas religiosas e profanas simultaneamente. Dessa forma, a caracterização de uma determinada festa nem sempre permanece constante, geralmente ocorre um processo de modernização, transformando-a em espetáculo, com estruturas grandiosas e suntuosas que, muitas vezes, fogem ao contexto do meramente religioso. Contudo, o passado e o presente permanecem articulados no interior da festa. Afinal as festas são as mesmas sem nunca serem iguais (p. 101)

Diante disso, é importante que reconheçamos o caráter mutável do patrimônio imaterial, pois ele é vivido e produzido por pessoas que carregam memórias de um passado, mas que vivem o presente, sendo capazes de deixar também as suas marcas temporais naquele patrimônio. É preciso pensar as festas profano-religiosas tradicionais além de seu passado, sendo que elas se entrelaçam também com o mundo contemporâneo, deixando vestígios na modernidade e adquirindo dela novos elementos.

Quando falamos em preservar e salvaguardar as festas populares, não implica ditar regras sobre como realizar essa festividade. Falamos em preservação cultural no sentido de sempre dar continuidade a ela, oferecendo condições para sua plena realização, sem tirar de seus detentores a liberdade de realizá-la como sempre fizeram. Caponero e Leite (2010) trabalham nessa mesma perspectiva, de que a tradição seja mantida, sem que ela se feche para as novidades do mundo.

Salvaguardar um bem de natureza imaterial é apoiar a sua continuidade e tentar atuar provocando melhoria nas condições sociais e materiais de transmissão e reprodução do que possibilitou sua existência, cabendo ressaltar que salvaguardar um bem não implica colocá-lo em uma camisa de força, mas em preservar não apenas as tradições como também a inovação, incluindo a possibilidade de mudanças. (CAPONERO; LEITE, 2010. p. 107)

Como já constatamos as festas religiosas tradicionais configuram-se como importantes patrimônios culturais imateriais caracterizados pela sua vasta história e culturalidade. Dessa forma, elas são capazes de criar e reformular as identidades dos seus realizadores e de toda comunidade que participa de alguma forma dela. Assim como as identidades se remoldam e se reconstróem, as festas tendem a sofrer transformações com o decorrer do tempo, e não há problemas nisso, pois para manter-se presente na atualidade é preciso passar por essas mudanças. A Festa de São Tiago é um grande exemplo nesse sentido, sendo que carrega a ainda a essência de sua história, sem que com isso se feche para o mundo contemporâneo.

2.3- ENSINO, CULTURA E IDENTIDADE LOCAL

A festividade em louvor a São Tiago, como já foi descrita, é um dos maiores eventos culturais do estado, isso se deve ao seu caráter histórico, religioso e turístico. Nos últimos anos vários elementos foram introduzidos na organização e realização da festa, com destaque para a ACFST (Associação Cultural da Festa de São Tiago), que surgiu como reação à fragilidade de manutenção da festa. Apesar das inúmeras mudanças sofridas pela festa com o passar dos anos, ela ainda se configura como uma festa popular que representa a identidade local dos mazaganenses que se reinventam anualmente para que sua cultura seja celebrada e sua visibilidade traga benefícios para a população.

No que diz respeito ao ensino de história a festa destaca-se pelo caráter histórico e cultura, seu estudo nos proporciona compreensão de processos históricos comuns nos livros didáticos⁸ e auxilia na construção do conhecimento por parte do aluno. O aspecto visual da festa também chama bastante atenção e pode ser explorado como forma de chamar atenção dos alunos, visto que eles, normalmente, se interessam por esse aspecto.

Na aprendizagem sobre o conteúdo estudado é importante destacar para os alunos também as transformações que a festa sofreu ao longo dos anos, para que possam sentir que ela, apesar de antiga, não está presa ao passado, pois incorpora novos elementos e se moderniza ao longo dos anos, sem deixar de manter suas origens e tradições. É preciso que o aluno entenda que tradição não está condicionada a elementos antigos e ultrapassados e a modernidade pode conviver muito bem com elementos culturais

⁸ A Festa de São Tiago pode ser estudada a partir de conteúdos presentes nos livros didáticos do 7º ano como: A expansão do império islâmico e os conflitos religiosos no norte da África e na península ibérica.

tradicionais. As mudanças de uma sociedade podem interferir na forma de organização de determinadas culturas, contudo, não podem apaga-las da memória e identidade dos indivíduos, essas mudanças, inclusive, contribuem para consolidação das tradições no cotidiano de uma sociedade. As tradições estão ligadas ao passado, ao presente e ao futuro com a mesma importância.

Ao passo que vão ocorrendo mudanças de cunho político e ideológico os significados no tempo vão se infiltrando nas manifestações culturais, buscando evidenciar imagens convenientes, dos interesses vigentes, seja no âmbito individual ou coletivo. As tradições aparentam ser antigas e baseadas na ideia de um povo original. Nesse aspecto, o que se entende é que a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência para o presente. Assim, está vinculada ao futuro, dessa forma, tradições são remodeladas a partir das representações do passado e do presente e sua preservação e continuidade se dão pelos rituais que, reinventados, reformulados e reincorporados, são entendidos como mecanismos da memória coletiva e das verdades tradicionais (BECK, GIDDENS e LASH, 1997).

A introdução de elementos advindos da modernidade nas festas populares seria uma forma de intervenção organizativa no que seria, antes, uma manifestação humana espontânea. A festa em seu caráter moderno deve ser entendida como um momento de intervenção e mudança, pois a relação entre diversão, trabalho e ação transformadora é essencial na compreensão desse fenômeno social (GASTAL; GUTERRES; MACHIAVELLI, 2013). Essa visão contemporânea sobre festas pode ser aplicada à realidade mazaganense, pois a Festa de São Tiago é uma forma de diversão organizada e que exprime a visão de mundo daquela comunidade na qual é realizada.

A construção da Festa de São Tiago nos últimos anos foi sendo remodelada e ressignificada, mesclando elementos tradicionais e modernos que deram a comunidade de Mazagão Velho um novo olhar sobre a Festa. Nessa perspectiva, percebemos que os membros da comunidade buscam o fortalecimento de suas identidades, que segundo Stuart Hall (2004) pode ser visto como uma reação defensiva de membros de um grupo que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas. No caso mazaganense, por exemplo, os membros dessa comunidade buscam a reafirmação de suas identidades por

considerarem que as constantes modificações no modo de se fazer a festa vêm tirando sua tradição e consequentemente modificam a identidade local.

Contudo, as mudanças também fazem parte da sociedade mazaganense e apesar das críticas vindas de membros mais antigos da comunidade, elas contribuem para tornar a festa mais popular. Isso mostra que o processo de globalização das identidades, analisado por Hall (2004), busca aprimorar as identidades culturais locais, para que estas sejam inseridas na sociedade global. Dessa forma, a globalização cria um processo de massificação da cultura popular.

A comunidade de Mazagão Velho convive muito bem com a dualidade passado/presente, pois muito membros antigos da comunidade realizam a festa com as tradições que aprenderam com seus antepassados sem rejeitar os novos elementos. A exemplo disso, podemos encontrar a senhora Joaquina Jacarandá (uma senhora de 67 anos pertencente a umas das famílias mais tradicionais da localidade) um exemplo de como as identidades podem ser remoldadas por sucessivas mudanças advindas da modernidade e da globalização. Dona Joca, como é conhecida, é coordenadora da parte religiosa da Festa de São Tiago além de cuidar de outros festejos de santo da comunidade.

De acordo com o INRC – IPHAN (2011) ela é responsável pela organização dos círios, missas, novenas e outras celebrações que competem à parte religiosa da Festa. Contudo, percebemos também seu envolvimento nas questões não religiosas, pois sempre está presente nas reuniões da ACFST, cujo filho (André Jacarandá) é presidente. Dona Joca representa uma parte da comunidade que nasceu em meio às tradições e vivenciou a organização da Festa de São Tiago ainda em seus moldes comunitários, mas que reconhece que a Festa hoje é, além de um resgate cultural, uma forma de dar visibilidade à Mazagão Velho. Nesse sentido, percebemos a construção de uma nova forma de identidade presente em Mazagão Velho, identidade essa que ao interagir e se confrontar com outras culturas, acaba compartilhando seus costumes, valores e crenças e também assimilando características de outras sociedades.

Podemos perceber que as contradições presentes na identidade mazaganense configuram-se no embate entre a tradição e a modernidade sempre presente no seio da comunidade. É nesse contexto que ocorre o choque entre duas identidades diferentes no

interior de um mesmo grupo social e apesar de a globalização impor novas formas de representar a cultura, ela de certa forma também remolda e revaloriza a identidade local.

A Festa de São Tiago, apesar de suas significativas mudanças ainda representa a rica comunidade de Mazagão Velho, pois a realização da Festa se sobressai aos embates locais. Nesse contexto, as novas formas de festejar dessa comunidade pautam-se no constante diálogo entre o tradicional e o moderno. Pois, como aponta Laurent Vidal (2008) a Festa de São Tiago hoje transita entre sagrado e profano, onde se misturam techno, samba, forró, rock, música religiosa, além de círios, procissões, missas, novenas. O melhor exemplo disso é o baile de máscaras, onde várias gerações (jovens e senhores de mais idade) confraternizam e adquirem suas máscaras de várias formas, seja confeccionando manualmente (feita por pessoas da própria comunidade) ou comprando o produto já industrializado (vendido por pessoas nos arredores da festa). O baile é um espelho das transformações que a festa sofreu, sem jamais perder seu tradicional propósito, contar as memórias dos mazaganenses, além de proporcionar diversão e sociabilidade para as várias gerações presentes na comunidade.

Segundo Vidal (2008), o dia que procede ao baile é o dia da grande batalha, onde se misturam moradores da própria comunidade, das comunidades vizinhas, turistas macapaenses, e de outros lugares do estado e de fora dele. A batalha é o ápice da festa e conta ainda o confronto final em que os cristãos vencem os mouros mesmo com a desvantagem em números de guerreiros, é aí que aparece a figura de São Tiago, que surge como um soldado anônimo que lidera os guerreiros cristãos rumo à vitória. O ambiente montado para a dramatização comporta cenas que dão destaque para outros sujeitos que antes não tinham grande visibilidade, a exemplo das crianças que se admiram com os pequenos parques de diversão montados nos arredores da festa, é nesses lugares que seus pais gastaram parte de suas economias.

Essas novas cenas são cada vez mais comuns em Mazagão Velho, visto que a Festa de São Tiago é o momento em que a comunidade manifesta sua cultura e identidade híbrida, mostrando aos seus visitantes que ela ainda guarda as memórias de seus ancestrais e consegue dialogá-las com os novos elementos advindos da modernidade. Contudo, verificamos que mesmo realizando esse diálogo, a comunidade ainda se sente ameaçada, não por esses elementos modernos, mas por uma força que tentar retirar da

festa sua originalidade e a transformar em apenas mera manifestação folclórica. Como nos mostra Vidal:

Hoje a Festa de São Tiago está ameaçada, e essa ameaça não vem de sua adaptação aos desafios do século XXI (Judas-Bush, mascarado de O grito), mas, muito pelo contrário, da tentação de congelar sua gestualidade e sua cenografia, em nome da defesa de um patrimônio histórico. Privada de todo sopro vital, negada naquilo mesmo que hoje constitui sua maior originalidade – a memória mestiça –, a Festa de São Tiago passaria a ser nada mais que uma manifestação banal, de características exóticas. (VIDAL, 2008. p. 274)

Cabe aqui reafirmar a necessidade da realização da Festa de São Tiago como uma festividade que primeiramente satisfaça seus realizadores, para então mostrar ao visitante a rica história contada sobre uma época tão importante para a história do Amapá e por que não do Brasil. É essencial que se aprofunde o estudo sobre essa lendária festa, que apesar de passar por significativas mudanças, ainda hoje resiste aos desafios da contemporaneidade e se mostra como a principal manifestação cultural da comunidade de Mazagão Velho.

Para o ensino de história o estudo da festa como patrimônio cultural amapaense é essencial para que o aluno consiga compreender os diversos processos históricos que levaram à construção de sua identidade local, sua cultura e sua capacidade de exercer sua cidadania. A memória é elemento essencial ao ensino de história, porque através dela, o aluno cria sua percepção da cidade em que vive e compreende as inúmeras mudanças que a sociedade já vivenciou e ainda vivencia e constrói sua identidade. O atual processo de globalização que o mundo passa hoje, é palco para diversas discussões em sala de aula, sendo a memória e a identidade as mais importantes nos estudos sobre cultura.

O ensino de história hoje tem a missão de se reorganizar e colocar em prática as diversas discussões pertinentes as mudanças que a sociedade vem sofrendo, dessa forma, o ambiente escolar torna-se o espaço ideal para sediar essas discussões e dele sairão as propostas e ações que podem causar as transformações benéficas que a sociedade precisa no momento.

CAPÍTULO 3: A FESTA DE SÃO TIAGO: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM AULAS OFICINAS.

Este terceiro capítulo consiste na descrição e elaboração de uma proposta metodológica para utilização da temática da Festa de São Tiago, que ocorre na comunidade de Mazagão no mês de julho, a partir do uso de aulas oficinas. Essa proposta é direcionada aos professores do ensino fundamental – séries finais, mas especificamente nas turmas de 7ºano do Ensino Fundamental. Contudo, também terá o intuito de servir de base para outras propostas de conteúdo que podem ser trabalhadas através dessa importante metodologia que é a **aula oficina**.

A construção de propostas de aulas-oficina visa oportunizar aos professores do ensino básico metodologias que possibilitem a utilização de documentos (fotografias, músicas, vestuário, danças etc). A utilização de documentos nas aulas-oficina pode dinamizar as aulas e torna-las mais atrativas e próximas da realidade dos estudantes.

De igual modo, a metodologia com aulas-oficina possibilita ao professor incluir outros conteúdos, além daqueles prescritos no currículo oficial, instigando o debate sobre currículo escolar e as questões ligadas ao ensino de história e ao cotidiano da sala de aula.

Para Circe Bittencourt (2011) é preciso que o professor entenda que existem várias formas de currículos: O currículo formal, elaborado de forma estatal, com caráter mais oficial, por esse motivo pode ter um direcionamento mais universal e abrangente, sendo o professor responsável por pensar as diferentes abordagens que poderá extrair a partir de sua utilização; o currículo real, aquele que engloba as especificidades pedagógicas do cotidiano escolar entre professor e aluno; o currículo oculto que debate questões ligadas ao comportamento nas escolas, além de incentivar a coletividade e discutir temas como preconceitos e discriminações étnicas e sexuais; e, por último, tem o currículo avaliado, documento que agrega valores institucionais, escolares e pedagógico. As propostas de aula-oficina abordadas neste trabalho, aproximam-se das características do currículo real, pois, busca valorizar os conhecimentos que os alunos já possuem sobre os temas abordados, além de abordar as especificidades do ambiente escolar onde serão aplicadas as aulas oficinas. As propostas apresentadas aqui também se inserem nas discussões sobre o currículo oculto, pois apresentam abordagem que incentivam a coletividade e estimulam a discussão de temas como racismo e discriminação no ambiente escolar.

Desta forma, podemos compreender que as aulas oficinas aplicadas ao estudo do patrimônio cultural, agrega ao ensino de história uma possibilidade de diálogo entre o cotidiano da sala de aula e as novas linguagens do ensino como uso de variados documentos e metodologias, com objetivo de dinamizar o ensino e trazer a autonomia que o discente necessita desenvolver no processo de aprendizagem. O currículo trabalhado neste estudo, aborda temáticas como o patrimônio cultural através de Festa de São Tiago, tão importante para o povo mazaganense, amapaense e para professores em geral, que desejarem discutir em sala de aula novas abordagens sobre patrimônio. Essas novas abordagens sobre o ensino de história como um todo e o patrimônio cultural, especificamente são discutidos por autores como Circe Bittencourt (2017), Manoel Luiz Salgado Guimarães (2012) e Isabel Barca (2004). A partir da contribuição dessas leituras, foi possível pensar em novos métodos que aproximem os estudos sobre ensino de história e patrimônio com as práticas educacionais em sala de aula.

A construção desse capítulo dar-se-á pela discussão de temáticas como: a importância das aulas oficina para o ensino de história e especialmente para o estudo sobre patrimônio cultural e por último será construída uma proposta de utilização da Festa de São Tiago por meio das aulas oficina para aproximar professor e aluno do estudo sobre patrimônio cultural, sobretudo, o patrimônio local.

3.1 AS AULAS OFICINA: ENSINO DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL

Para uma maior compreensão sobre o que é o ensino de história, podemos partir do pressuposto que a sala de aula é mais do que um mero lugar onde se transmite conhecimento, e sim onde variados sujeitos interagem e trocam experiências nas quais possibilitam a construção do conhecimento de maneira autônoma por esses próprios sujeitos. Portanto, a aula de história torna-se mais do que a descrição do passado e presente, vindo a se tornar ambiente de debates que transcendem o ensino tradicional.

Nessa concepção sobre o ensino de história, Isabel Barca (2004) considera que a aula oficina se torna uma metodologia que possibilita o rompimento com o tradicionalismo e contribui para a construção do conhecimento histórico de forma autônoma e significativa pelos alunos. O ensino de história por meio de metodologias não tradicionais proporciona um aprendizado além do básico e capacita professor e aluno para elaboração de um conhecimento histórico mais complexo e socialmente construído.

A história é genuinamente diversa, tem múltiplas perspectivas e pode desenvolver modos mais sofisticados de pensar e compreender o mundo. A história, quando trabalhada com ferramentas e abordagens adequadas é capaz de desenvolver uma compreensão humana de si e do outro que alcança diversas realidades e proporciona autonomia ao aluno, para que ele perceba de maneira mais eficiente e crítica a sua realidade e a realidade coletiva onde está inserido. Para uma boa elaboração de aulas-oficinas é importante também discutir a formação do professor de história, pois essa formação não começa em um curso de graduação e nem se conclui com o término dele, a formação do professor/educador perpassa por toda sua vida escolar, através do diálogo, observação e o estudo em si. Em consonância a esse pensamento Marília Gago (2020) considera que:

Os futuros professores, ao longo do seu percurso escolar, foram criando um conjunto de ideias e imagens acerca do que é ensinar/aprender. Ou seja, os futuros professores, quando iniciam o seu percurso específico de formação para o ensino, são já frutos de um caminho de, pelo menos, 15 anos de ensino, ou seja, experienciaram o seu contexto profissional, embora noutro papel, durante muito tempo. Observaram os seus professores, desenvolveram atividades e tarefas, conhecem o habitat da sala de aula e da escola (GAGO, 2020, p. 5)

As ideias de Marília Gago sobre a formação do professor se baseiam no que Lortie (1975) chamou de “aprendizagem por observação”, essa aprendizagem leva em consideração também as especificidades e individualidades do professor. Este por sua vez, ao ensinar, também privilegiará os conhecimentos já construídos pelos alunos ao longo de suas vidas. Sobre os conhecimentos prévios de professores e alunos, Gago considera que:

A proposta na formação de alunos e futuros professores, é conhecer as ideias prévias destes e com base nestas desenhar tarefas desafiadoras que os façam refletir acerca de outras possibilidades e perspectivas, e com base nessa reflexão decidir, planejar e agir (GAGO, 2020, p. 5)

Contudo, é preciso que não nos deixemos tomar somente pelas nossas experiências e paixões pessoais e ignoremos aspectos importantes da realidade. É um exercício difícil, mas extremamente importante, saber integrar os saberes pessoais e individuais com as demandas da sociedade atual, que vive em constante transformação. A observação é essencial, tanto para alunos quanto para professores, pois ela é o primeiro passo para o diálogo e discussões em sala de aula que possibilitem a construção do conhecimento histórico no ambiente escolar.

O exercício do pensamento histórico em sala de aula, é um desafio, sobretudo para o professor, pois mesmo com todo empenho de sua formação mais humana, diversa e inclusiva, ainda carrega traços do tradicionalismo que vivenciou em toda sua vida escolar, seja como docente ou como aluno. Esse dilema, apesar de conflitante, gera no professor a motivação suficiente para abastecer o diálogo com as vivências de seus alunos e torna a aula de história o lugar propício para troca de experiências e construção do conhecimento histórico. Sobre o pensamento histórico, Gago (2020) considera:

Pensamos historicamente quando compreendemos que o ser humano é uma construção continuada, isto é, a História desenvolve as capacidades de observar, compreender e identificar os passos dos seres humanos nas mais variadas perspectivas, do espaço mais privado ao público, bem como desenvolver a análise de dados por meio da crítica e de abertura para aceitarmos novos dados mesmo que possam desintegrar a realidade que dávamos como conhecida. A História permite tornarmo-nos mais humanos, mais conscientes, atendendo aos contextos e aos “porquês” da realidade passada e presente, bem como contribui para tecermos horizontes de expectativa passíveis de enquadrar o nosso caminho futuro mediante as nossas decisões e ações. (GAGO, 2020, p. 13)

Podemos perceber que o conhecimento histórico pode ser entendido como o objetivo do ensino de história, que se dá no exercício da individualidade do aluno e de sua autonomia perante a percepção de sua realidade e da realidade que o cerca. O ensino de história é necessário para a formação de cidadãos críticos que possam contribuir para a construção de uma sociedade mais cooperativa e humana e que entendam que a história é um extenso processo de reflexão repleto de questionamentos. Para a construção do conhecimento histórico, é necessário também que haja nas aulas de história um exercício da educação histórica, para que assim, professores e alunos sejam desde sempre ensinados a pensar crítica e historicamente.

Para a construção de uma educação histórica competente e prazerosa é preciso compreender os diversos mecanismos utilizados para a preparação das aulas de história, o tipo de aula que será planejada e o objetivo que desejamos alcançar com cada uma delas. As aulas devem ser preparadas para que os alunos pensem de maneira crítica e consciente acerca dos conteúdos que está aprendendo. Esse ensino crítico, junto com os questionamentos e problematizações dos alunos são os caminhos essenciais para uma aprendizagem histórica, viabilizando assim a construção do conhecimento histórico. A educação histórica entra nesse contexto como um campo historiográfico vasto para que o

professor possa conhecer e discutir as principais problemáticas acerca do processo de ensino aprendizagem e assim pensar também de maneira crítica e consciente.

Sobre a construção de uma educação histórica crítica e consciente, Isabel Barca (2004) considera que as aulas devem ser planejadas de maneira a prender a atenção do aluno, contudo de maneira concisa e não somente superficial. Para isso é preciso entender os três principais tipos de aulas: aula-conferência, aula-colóquio e aula-oficina.

Para Barca (2004) a proposta de aula-conferência pauta-se no paradigma mais tradicional e baseia-se numa lógica onde o professor é o detentor do verdadeiro conhecimento e delegando ao aluno o papel daquele que nada sabe e tudo precisa aprender. Nesse modelo de aula, o professor atua como um conferencista e ator central do processo de ensino-aprendizagem, já o aluno é visto como aquele que nada sabe, portanto, uma tabula rasa. Hoje, esse modelo de aula já não é mais pedagogicamente aceito, contudo, ainda se utiliza na prática em algumas aulas de história atualmente.

Na tentativa de dinamizar o tradicionalismo da aula-conferência formal e ligada a textos e elementos escritos, temos a aula-colóquio, que tenta inovar e prender mais a atenção dos alunos e para isso uso e abusa de recursos metodológicos e materiais pedagógicos, contudo o enfoque continua na atuação e abordagem que o professor dará para o ensino de diversas temáticas. Barca considera que esse modelo tenta inovar em ferramentas tecnológicas não tradicionais, mas acaba muitas vezes se igualando ao tradicionalismo da aula-conferência, segundo a referida autora esse modelo de aula se prende em:

Uma abordagem prescritiva que tenha em atenção as recomendações de um saber-fazer pedagógico herdeiro desse modelo, a concepção das aulas centrar-se-á na criatividade de recursos e ‘estratégias’ a apresentar aos alunos, num cenário que raramente ultrapassa a situação de ‘aula-colóquio’ (BARCA, 2004, p. 2)

No modelo de aula-colóquio o aluno continua como um objeto que precisa ser motivado e o professor como organizador e gerenciador de recursos pedagógicos que tornem essa aula mais atrativa. Em teoria esse modelo se preocupa com os saberes individuais dos alunos, mas na prática não se sustenta e não proporciona a autonomia suficiente para a construção do conhecimento histórico pelos alunos.

O modelo de aula que Isabel Barca classifica como o mais próximo de estabelecer uma ligação entre ensino de história e conhecimento histórico é o modelo de aula-oficina, que será utilizado como proposta de trabalho da presente pesquisa acerca da Festa de São Tiago em Mazagão Velho no Amapá.

Barca (2004) classifica a aula-oficina como modelo do saber multifacetado, que consegue englobar senso comum, ciência e epistemologia. Nessa aula o aluno realmente se torna agente de sua formação, com ideias prévias e experiências diversas. O professor assume a responsabilidade de investigador social e organizador de atividades problematizadoras. Os recursos da aula mantêm-se variados e a avaliação também pode ser desenvolvida pelos alunos através de testes e diálogos. Sobre o papel do professor investigador e a autonomia dos alunos nas aulas-oficinas, Barca destaca:

Se o professor estiver empenhado em participar numa educação para o desenvolvimento, terá de assumir-se como investigador social: aprender a interpretar o mundo conceitual dos seus alunos, não para de imediato o classificar em certo/errado, completo/incompleto, mas para que esta sua compreensão o ajude a modificar positivamente a conceitualização dos alunos, tal como o construtivismo social propõe. Neste modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação. (BARCA, 2004. p. 2)

Na aula-oficina a problematização assume papel central na condução da aula, pois através dela que o aluno conseguirá desenvolver o pensamento crítico sobre a história e a sociedade em geral. Nesse modelo o professor não será mais o detentor de respostas e sim como um investigador que instigará o aluno a criar seus próprios questionamentos. Ensinar história passa a ser o caminho para a construção das condições necessárias para que o aluno questione e construa seus próprios conceitos, processo esse, essencial para a construção do conhecimento histórico. Nessa mesma perspectiva de repensar o papel do professor nas aulas-oficinas, autores como Ana Paula Anunciação e Amábile Sperandio, consideram que:

O Professor aparece nesse caso não como o detentor do verdadeiro conhecimento, no qual os alunos são apenas ouvintes, mas como investigador social e organizador das atividades que tendem a problematizar o conhecimento histórico, o aluno passa de ouvinte para protagonista da própria aula. (ANUNCIAÇÃO; SPERANDIO, 2012. p. 133)

Na relação entre professor e aluno, se torna interessante que o professor possa levar em consideração os conhecimentos prévios de seus alunos, de forma a trazer sentido para a aula e não apenas como título de curiosidade. Nesse modelo de aula, a utilização de documentos históricos em sala de aula auxilia na elaboração de problemáticas que nortearão a aula e a construção do conhecimento por parte do aluno. No modelo de aula-oficina os documentos deixam de ser meros ilustradores para fazer parte efetivamente das indagações dos alunos.

Isabel Barca propõe a criação de um planejamento de aula voltado para o trato com as fontes, vestígios, recortes temporais e espaciais, que possibilita uma instrumentalização essencial tanto no âmbito específico da própria disciplina ou articulado, transitando entre outras disciplinas. Para ela:

Ser instrumentalizado em História passa por uma compreensão contextualizada do passado, com base na evidência disponível, e pelo desenvolvimento de uma orientação temporal que se traduza na interiorização de relações entre o passado compreendido, o presente problematizado e o futuro perspectivado (BARCA, 2004. p. 3)

Essa instrumentalização em história torna-se necessária para jovens, cidadãos comuns, professores e historiadores em diferentes momentos e níveis de escolaridade. Para Barca a instrumentalização histórica deverá ser feita em três momentos:

1) **interpretar as fontes:** momento em que elas serão selecionadas com critérios objetivos para confirmação ou não das hipóteses já existentes.

2) **compreensão contextualizada:** procura entender as situações humanas em diferentes tempos e espaços, o objetivo é relacionar o conhecimento do passado com as atitudes do presente, para uma projeção possível do futuro.

3) **comunicação:** culmina com o ato de exprimir a interpretação e compreensão das experiências humanas, tendo inteligência e sensibilidade para usar os variados meios de comunicação disponíveis atualmente.

A aula-oficina proposta por Barca é de essencial importância para a proposta apresentada ao final deste capítulo, pois dialoga com os elementos empíricos trazidos pelos alunos (ou seja, seus conhecimentos prévios), junto com fontes problematizadas

pelo professor, além da construção de sentidos, conceitos e abordagens que levem o aluno de fato a ser agente do próprio processo de ensino-aprendizagem. O plano de aula a ser elaborado deverá respeitar a dinâmica de instrumentação da história e servir para o professor como um bom instrumento para organizar uma boa aula. Sobre a elaboração do plano para a aula-oficina, precisamos considerar seu caráter construtivista, conforme nos mostra Isabel Barca:

O 'plano', qualquer que seja o formato que assuma, numa perspectiva de construtivismo social representa um projeto que procura antecipar as vertentes hoje requeridas numa aula, em termos de instrumentalizações a focalizar, conteúdos temáticos a operacionalizar em questões problematizadoras e consequentes experiências de aprendizagem, sem esquecer a avaliação contínua, e por vezes formal, das tarefas (BARCA, 2004. p. 5)

Uma aula-oficina pode ser caracterizada por abordagens já utilizadas em muitas aulas mais tradicionais. O ato de questionar o aluno sobre os seus saberes prévios já vem sendo feito a algum tempo pelos professores de história, contudo essa sondagem feita de maneira mais informal pode ocupar um papel mais sistemático e fazer parte da aula de forma oficial no planejamento e no cotidiano da sala de aula.

Uma etapa fundamental da aula-oficina é a hora da avaliação, pois é através dela que será possível perceber se os objetivos da aula foram alcançados ou não. As propostas de avaliação aqui, devem ir além do cunho de mero teste de conhecimento e sim uma ferramenta que avalie todo o processo, ou seja, do início ao final da aula. A proposta de avaliação analisada por Barca foi o exercício de análise da mudança conceitual por parte dos alunos, além de conceitos de relatividade e objetividade crítica, que vieram tornar mais complexos os critérios para a verdade científica.

Essa visão sobre avaliação gradual é importante para a construção da avaliação formativa, visto que podemos começar de pontos de partidas diferentes e promover uma progressão individualizada dos alunos. Ao final desse processo podemos considerar que o professor atingirá seu objetivo de auxiliar na formação de um aluno ativo, pesquisador e reflexivo, pois será capaz de participar e interagir nas atividades, procurar e investigar os conteúdos e materiais e pensar e refletir sobre o que aprendeu.

A aula-oficina é uma excelente metodologia para o ensino do patrimônio cultural em sala de aula, pois aborda temas como memória e identidade cultural de professores e alunos, fazendo-os pensar historicamente acerca do tema estudado e sempre levando em

consideração os saberes prévios que os alunos trazem consigo sobre determinado tema a ser trabalhado em sala de aula.

O estudo do patrimônio é essencial para o ensino de história, pois está intrinsicamente ligado as noções de tempo histórico (passado, presente e futuro), nessa perspectiva Manoel Guimarães discute semanticamente o termo patrimônio e como ele se relaciona ao estudo da história, para ele:

O termo patrimônio supõe, portanto, uma relação com o tempo e com o seu transcurso. Em outras palavras, refletir sobre o patrimônio significa, igualmente, pensar nas formas sociais de culturalização do tempo, próprias a toda e qualquer sociedade humana. É através desse trabalho de produzir sentido para a passagem do tempo que as sociedades humanas constroem suas noções de passado, presente e futuro, como formas históricas e sociais de dar sentido para o transcurso do tempo (GUIMARÃES, 2012. p. 99).

Dessa forma podemos entender também o patrimônio, sobretudo o cultural como um importante meio para se discutir a construção do conhecimento histórico em sala de aula, pois apresenta mecanismos para debater as variadas percepções sobre o passado e o presente, nessa perspectiva, o ensino de história deve entender o estudo do patrimônio como algo vivo na sociedade, que interage e dialoga com o presente e o futuro.

Para Maria de Lurdes Horta, o patrimônio cultural brasileiro vai além dos grandes monumentos e das instituições governamentais, segundo ela o patrimônio cultural brasileiro é algo vivo e está em constante diálogo com o cotidiano das pessoas. Sobre a importância do patrimônio para a sociedade brasileira, Horta destaca:

O Patrimônio Cultural Brasileiro não se resume aos objetos históricos e artísticos, aos monumentos representativos da memória nacional ou aos centros históricos já consagrados e protegidos pelas Instituições e Agentes Governamentais. Existem outras formas de expressão cultural que constituem o patrimônio vivo da sociedade brasileira: artesanatos, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédios, de construir moradias, a culinária, as danças e músicas, os modos de vestir e falar, os rituais e festas religiosas e populares, as relações sociais e familiares, revelam os múltiplos aspectos que pode assumir a cultura viva e presente de uma comunidade (HORTA, 1999. p. 5).

O patrimônio cultural local também deve ser de grande importância para o ensino de história, pois está próximo a realidade de professores e alunos em muitos lugares do

país, é nesse contexto que a Festa de São Tiago é um importante instrumento para a discussão entre ensino de história e patrimônio cultura, pois é um diálogo vivo entre passado e presente, além de apresentar elementos que possibilitem a construção do conhecimento histórico na sala de aula, haja vista que grande parte da população amapaense conhece ou já viu algum elemento relacionado a festa.

Nesse sentido, a Festa de São Tiago será a temática central abordada na elaboração das propostas de aula-oficinas descritas a seguir, desta forma, alguns momentos da festa bem como a historicidade presente nela serão abordados aqui, com intuito de tornar o ensino do patrimônio cultural mais atrativo e próximo da realidade de professores e alunos. As propostas abordadas vão desde a transferência das famílias para Mazagão até o baile de máscaras ocorrido dentro da festa, utilizando fontes como imagens, letra de música, mapas, textos, entre outros.

3.2 - A FESTA DE SÃO TIAGO COMO PROPOSTA DE AULA-OFICINA NO ENSINO DE HISTÓRIA.

As aulas-oficinas apresentadas aqui serão direcionadas à alunos do ensino fundamental, especialmente aos do 7º ano, podendo ser utilizadas tanto nas aulas de história quanto no componente curricular de Estudos Amapaenses e Amazônicos. A proposta de trabalho com aulas-oficinas segue principalmente a metodologia utilizada por Isabel Barca, e também conta com a contribuição da teoria da pedagogia da autonomia proposta por Paulo Freire, pois leva sempre em consideração nas aulas os conhecimentos prévios que os educandos carregam consigo.

Segundo Paulo Freire (2018) ao ensinar, o professor deve sempre respeitar os saberes dos educandos e tentar relacionar esses saberes com as práticas educacionais em sala de aula. Para ele, esse respeito aos saberes dos educandos ajuda na construção de uma visão mais crítica da sociedade, pois associa os conteúdos trabalhados com as vivências sociais desse aluno. Para Freire a curiosidade, a inquietação e a problematização são elementos importantes na construção de uma visão crítica dos alunos. Sobre essa curiosidade e criticidade, ele considera:

Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não

se dá automaticamente, uma das tarefas precípua da prática educativo-progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. (FREIRE, 2018. p. 33)

De acordo com a concepção de Paulo Freire, o professor, em sua prática pedagógica, deve prezar pela curiosidade crítica dos alunos, pois é através dela que conseguirão estabelecer as bases para a construção do conhecimento histórico em sala de aula. Nesse contexto, podemos considerar que as aulas-oficinas são excelentes alternativas para exercitar essa curiosidade crítica e respeitar os saberes dos educandos, que a partir de então terão autonomia suficiente para compreender os conteúdos e relacioná-lo às suas práticas cotidianas.

Serão apresentadas quatro propostas de aulas oficinas, sendo a primeira focada na transferência das famílias de Mazagão africana para a região que hoje é o Amapá; a segunda está relacionada a memória e a identidade local; a terceira discute a festa como patrimônio cultural local a partir de relatos e elementos visuais da festa; a quarta proposta destaca o baile de máscaras realizado durante a festa, como um elemento que pode interligar questões entre o passado e o presente da Festa de São Tiago em Mazagão Velho – AP.

As aulas-oficina contam com diversos componentes como:

- TEMA DA AULA;
- INSTRUMENTALIZAÇÃO: Tipos de fontes ou recursos a serem utilizados;
- OBJETIVOS;
- CONCEITOS E QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS;
- 1º MOMENTO: Levantamento das ideias dos alunos sobre o tema (conhecimentos prévios);
- 2º MOMENTO: Tarefas, questões e recursos; tipo de comunicação e estratégia;
- GESTÃO DE TEMPO: Tempo necessário para a execução das atividades propostas;
- AVALIAÇÃO: Qualitativa, avaliando o progresso conceitual dos alunos;
- REFERÊNCIA: Indicação das referências que deram subsídios para a proposta das aulas-oficina;

PRIMEIRA PROPOSTA DE AULA OFICINA

TEMA: A transferência das famílias para Mazagão amazônica.

INSTRUMENTALIZAÇÃO:

- ✓ Texto do livro didático de história sobre a expansão árabe na África e na Europa; (COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. *Historiar*. São Paulo, SP: Editora Saraiva, 2015. p. 54)
- ✓ Livro de Laurent Vidal – VIDAL, Laurent. *Mazagão a Cidade que atravessou o Atlântico*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- ✓ Mapas retratando a transferência das famílias da Mazagão Africana para a Amazônia.

OBJETIVOS:

- ✓ Identificar e conhecer os saberes históricos e geográficos dos alunos acerca da cidade de Mazagão, especificamente a Vila de Mazagão Velho;
- ✓ Compreender através do texto do livro didáticos, as possíveis motivações que levaram o governo português a transferir as famílias de Mazagão africana para o norte da sua colônia brasileira;
- ✓ Analisar a trajetória feita pela população de Mazagão africana;

CONCEITOS E QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS:

- ✓ Quais os conhecimentos que os alunos possuem acerca da transferência de famílias vindas do outro lado do oceano para se estabelecer em terras amapaenses?
- ✓ Quais os principais motivos que levaram o governo português a optarem pelo traslado da cidade africana de Mazagão para sua colônia brasileira?
- ✓ Qual foi a trajetória feita por essas famílias? Por onde passaram? Que paradas eles fizeram?

PRIMEIRO MOMENTO:

No início da aula é importância sensibilizar os alunos acerca do tema, lançando questionamentos sobre ele, afim de verificar os conhecimentos que os alunos têm sobre a temática. Ainda no primeiro momento, após a sensibilização, pode ser feito uma avaliação

diagnóstica com o objetivo de conhecer as informações que os alunos já têm sobre a temática, ou seja, os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema. O professor poderá lançar perguntas como:

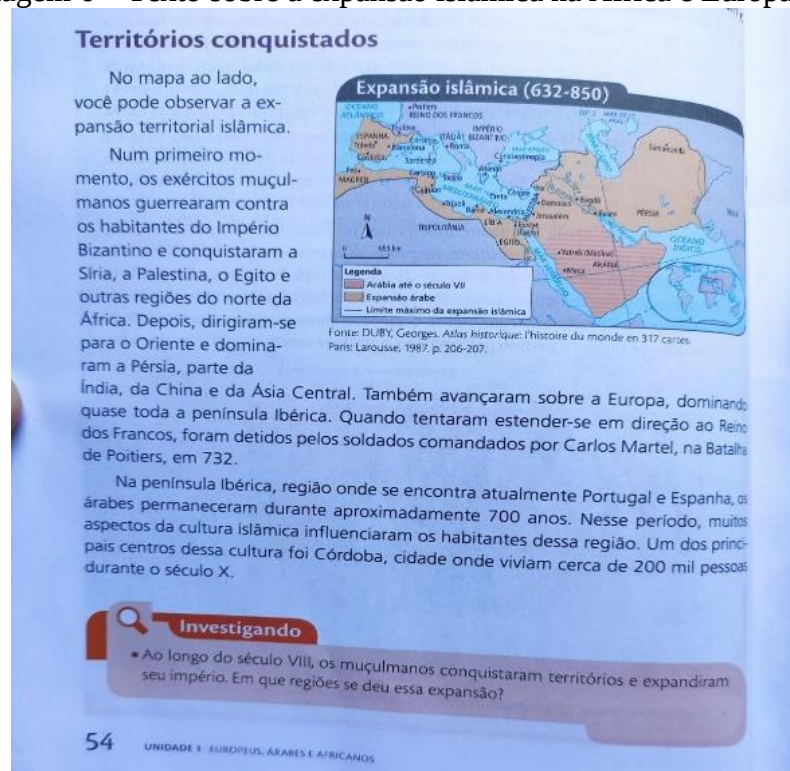
- Vocês conhecem ou já visitaram a cidade de Mazagão?
- Onde fica Mazagão Velho no Amapá?
- Já ouviram falar sobre como o povo mazaganense chegou à região amazônica?

Diante dos questionamentos, os alunos serão convidados a expor verbalmente seus conhecimentos e experiências acerca do tema proposto. Em seguida o professor poderá apresentar fontes para que os estudantes possam compreender melhor a formação da Vila de Mazagão.

SEGUNDO MOMENTO:

No segundo momento os alunos farão a leitura do texto presente no livro didático sobre a expansão islâmica na África e na Europa para problematizar quais os motivos levaram o governo português a decretar a transferência da cidade de Mazagão da África para as terras que hoje pertencem ao Estado do Amapá. Esse texto está inserido no livro: COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. *Historiar*. São Paulo, SP: Editora Saraiva, 2015. p. 54

Imagem 6 – Texto sobre a expansão islâmica na África e Europa



Fonte: COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. Historiar. São Paulo, SP: Editora Saraiva, 2015. p. 54

Diante da leitura do texto, os alunos poderão socializar em sala de aula: quais as principais regiões foram dominadas pelo império árabe? Quais países europeus foram mais afetados por essa expansão? A partir das respostas dos alunos, o professor poderá introduzir uma discussão sobre como a expansão do império islâmico contribuiu para transferência da cidade de Mazagão africana para Mazagão amazônica.

O objetivo será levar o aluno a refletir sobre como um conflito ocorrido do outro lado do oceano pode estar relacionado com a formação de uma cidade no interior da Amazônia. Para auxiliar nessa reflexão o professor poderá utilizar seus conhecimentos acerca da política de povoamento da Amazônia, enfatizando os objetivos do Governo Português de povoar e defender as terras da região norte de sua colônia brasileira

Para a discussão a respeito das diversas paradas que as famílias mazaganenses tiveram que fazer, o professor pode se embasar e utilizar como referência os capítulos iniciais da obra de Laurent Vidal – *Mazagão: A cidade que atravessou o atlântico*. Essa obra é rica em descrição sobre o trajeto do povo de Mazagão, além de apresentar

documentos - mapas, trechos de correspondências, plantas e projetos arquitetônicos da cidade de Mazagão. Esses documentos podem ser explorados e investigados junto aos alunos, instigando o senso crítico e investigativo na sala de aula.

Através de um mapa, eles conseguem visualizar com mais clareza as distâncias e os locais por onde as famílias mazaganenses percorreram. O professor pode também, apresentar os projetos de construção da cidade, para que o aluno compreenda como o governo português se preparou para a transferência da cidade. Os trechos das cartas, podem dar ao professor e aluno, maior conhecimento sobre as relações sociais entre os moradores de Mazagão e as autoridades portuguesas, através delas, a população demonstrava sua percepção acerca do empreendimento que estava sendo arquitetado pela Coroa Portuguesa, empreendimento este que mudaria para sempre a vida daqueles moradores.

Além da leitura do livro didático e da obra de Laurent Vidal, é importante mostrar através de mapas como foi o trajeto feito pelas famílias mazaganenses. Os mapas são importantes fontes que podem mostrar de maneira mais objetiva e visual como ocorreu a transferência da cidade de Mazagão. Os referidos mapas foram escolhidos pois mostram de maneira didática a transferência e os pontos de paradas feito pelos moradores de Mazagão.

Imagem 7 – Trajetória do deslocamento das famílias mazaganistas



Fonte: Mapa reproduzido por Milena Duarte e Rúbia Nogueira, na Revista do CESVASF Nº 04/2005

Os alunos, diante das fontes, iniciarão a problematização sobre essa transferência. Após a entrega dos mapas o professor poderá anotar no quadro perguntas como: qual foi o primeiro destino dos mazaganenses ao saírem do Marrocos? Qual o deslocamento mais longo essas pessoas tiveram que enfrentar? Qual o destino final dessas famílias?

O primeiro mapa destacado mostra a trajetória feita pelas famílias mazaganistas, que inicialmente saíram de sua cidade na África em direção a Lisboa, posteriormente para Belém e finalmente em seu destino definitivo – Nova Mazagão. Essa atividade deverá ser feita através de discussões em grupo, na qual o professor poderá lançar questionamentos sobre o documento analisado, afim de que os alunos possam perceber do mapa, que essa transferência não foi feita de forma imediata e que essas pessoas tiveram de perpassar por alguns locais antes de encontrar o seu destino final

O segundo mapa pode evidenciar o caminho percorrido pelos mazaganenses feito através de canoas da cidade de Belém até a Nova Mazagão, em terras amapaenses, destacando o quanto essa viagem foi longa e cansativa.

Após a análise dos mapas pelos alunos e dos questionamentos propostos pelo professor, os alunos poderão elaborar uma apresentação em grupo destacando os conhecimentos que eles tinham no início da aula e os conhecimento que foram adquiridos com a análise e problematização das fontes.

GESTÃO DE TEMPO

Para a conclusão da aula-oficina serão necessários dois horários de 50 minutos cada, totalizando 100 minutos, podendo ser realizada em um único dia.

AVALIAÇÃO

A avaliação será feita no decorrer do processo, de forma sistemática, destacando o seu caráter qualitativo e envolvendo todas as atividades executadas.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12 ed. 3 reimpressão - São Paulo: Contexto, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa – 57ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

PEREIRA, Carlos Diego Tine Silva. **Mapeando o passado de olho no presente:** usos lúdicos da cartografia (de) colonial no ensino de história. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020

VIDAL, Laurent. **Mazagão a Cidade que atravessou o Atlântico.** São Paulo: Martins Fontes, 2008

➤ **SEGUNDA PROPOSTA DE AULA-OFICINA**

TEMA: Mazagão Velho: memória e identidade cultural

INSTRUMENTALIZAÇÃO

- ✓ CDs com músicas produzidas pela comunidade:
 - 1) Mazagão Velho: dois séculos de cultura;
 - 2) Mazagão Velho: nossas tradições;
- ✓ Leitura da letra e execução de uma música de marabaixo: “Rio Mutuacá” de autoria de Josué Videira – morador da vila de Mazagão Velho. A música é a faixa 11 do CD: Mazagão Velho: nossas tradições
- ✓ Livro de Laurent Vidal – *Mazagão: A cidade que atravessou o atlântico*

OBJETIVOS

- ✓ Observar e compreender a percepção que os alunos têm a respeito dos conceitos de memória e identidade. Além de instiga-los a pensar sobre esses conceitos;
- ✓ Despertar a curiosidade e o senso investigativo dos alunos acerca das fontes apresentadas, para que consigam indagar os recursos que a população de Mazagão Velho se utilizou para manter viva sua cultura até os dias atuais;
- ✓ Construir e fortalecer coletivamente os conceitos que os alunos já carregam consigo, sobre como a memória individual e coletiva é importante para a construção da história e como essa memória se transforma em mecanismo de resistência para determinadas culturas;
- ✓ Apresentar aspectos históricos e culturais da Festa de São Tiago

CONCEITOS E QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS

- ✓ Quais as percepções que os alunos possuem sobre os conceitos de memória e identidade?
- ✓ Quais recursos o povo mazaganense utilizou para levar adiante sua história e cultura?
- ✓ Qual a importância da memória do povo mazaganense para a construção de suas identidades culturais e para a preservação da Festa de São Tiago;

PRIMEIRO MOMENTO

Nos momentos iniciais da aula, será feita uma abordagem investigativa e de sensibilização para saber o que os alunos compreendem que seja memória. O professor poderá lançar perguntas aos alunos sobre:

- O que os alunos entendem quando ouvem a palavra memória?
- No que a memória é importante no cotidiano desses alunos?

A partir das respostas dos alunos, o professor pode questionar junto com esses alunos o porquê é importante preservar e compartilhar nossas memórias a respeito de diversos momentos da nossa vida. Fechando o primeiro momento da aula, o professor dialogará com os alunos o quanto a memória é importante para compor o que somos, a nossa personalidade, a nossa identidade. Nesse momento também, o professor pode dialogar sobre as outras celebrações que compõem o calendário festivo de Mazagão Velho, como a festa de Nossa Senhora da Piedade e do Divino Espírito Santo, destacando que a Festa de São Tiago não é a única celebração que mobiliza com entusiasmo aquela população. O calendário festivo de Mazagão é extenso e através dele, os moradores manifestam sua cultura, além de preservar esse patrimônio cultural local, que são essas celebrações de caráter histórico e religioso.

SEGUNDO MOMENTO

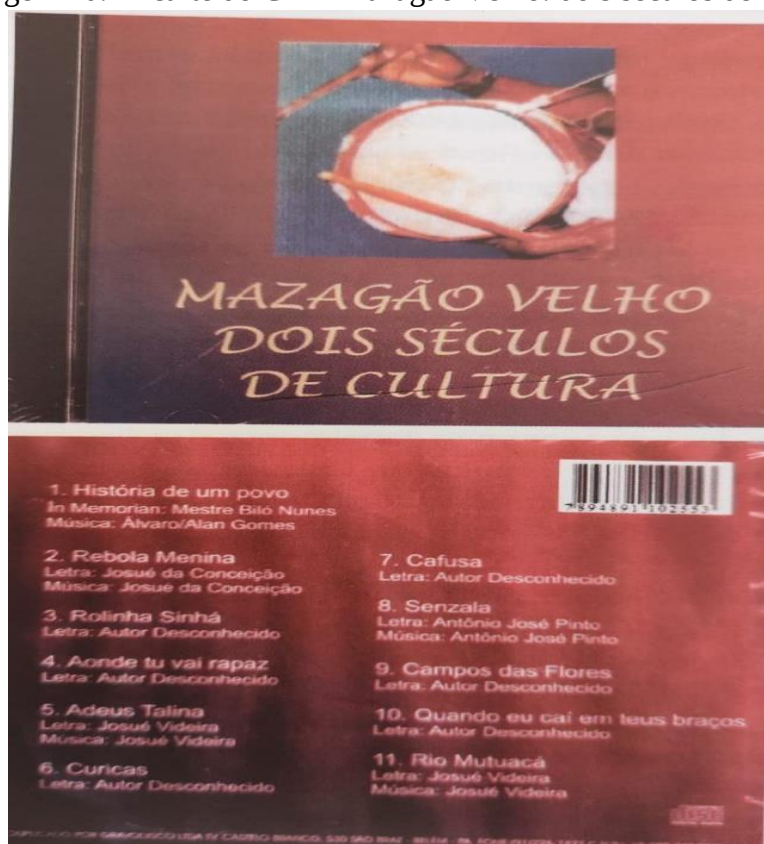
No segundo momento da aula, o professor poderá dividir a turma em grupos e apresentar os dois CDs produzidos pela comunidade de Mazagão Velho para continuar a discussão do primeiro momento sobre a importância da memória na construção da nossa história e identidade cultural.

Imagem 9: Encarte do CD – Mazagão Velho: Nossas Tradições



Fonte: Imagem retirada de: GOMES, Carlos Augusto. **Luz**. Banda Placa Luminosa 2. Manifestações Culturais do Amapá. Macapá-AP, 2019. p. 78

Imagem 10: Encarte do CD – Mazagão Velho: dois séculos de cultura



Fonte: Imagem retirada de: GOMES, Carlos Augusto. **Luz**. Banda Placa Luminosa 2. Manifestações Culturais do Amapá. Macapá-AP, 2019. p. 7.

Ao analisar as capas dos CDs, os alunos poderão anotar no caderno:

- Elementos que estejam relacionados com a cultura de Mazagão;
- Os produtores do CD;
- Títulos das músicas que possam estar relacionadas com a cultura e memória mazaganense;
- A motivação da comunidade de Mazagão para produzir esses documentos.

Logo na capa dos CDs é possível perceber elementos da cultura material, como: instrumentos musicais e indumentárias específicas daquela cultura. O professor também poderá pedir para que os alunos analisem os títulos das músicas, que sempre estão em diálogo com o cotidiano cultural dos moradores de Mazagão, podendo posteriormente escolher uma música para executar e analisar em sala de aula juntos com os alunos.

Os títulos das músicas presentes nos CDs também evidenciam aspectos ligados a comunidade de Mazagão Velho, sua memória e cultura local: *Batalha entre mouros e cristãos; Meu Mazagão; Alvorada; Marabaixo de rua; Canoa Santa; Negros; Marrocos; Cantador; Nossas tradições; Folia de São Gonçalo; Folia de São Tiago; História de um povo; Aonde tu vai rapaz; Senzala; Rio Mutuacá*; entre outras. Por meio dos títulos das músicas já é possível perceber como a cultura local está sempre ligada com as manifestações culturais presentes na vila de Mazagão Velho.

Após a análise visual dos CDs com suas músicas, os alunos ouvirão uma faixa musical denominada Rio Mutuacá, que consiste em uma canção de Marabaixo que narra a vinda dos mazaganenses para a Amazônia a partir da percepção deles próprios.

O professor entregará a letra da música para os estudantes, indicando que na canção há elementos descritivos a respeito do sentimento das pessoas por terem deixado sua cidade antiga (em Marrocos na África) e os variados percalços que enfrentaram na viagem até chegar na nova Mazagão na Amazônia.

LETRA DA MÚSICA “RIO MUTUACÁ”:

Eu vou, eu vou

REFRÃO

Eu vou pra lá

Eu vou subir o Rio
Mutuacá.

Subimos de rio acima

Chegamos em Mazagão

Eu vou subir o Rio
Mutuacá

Chegamos, não
tínhamos rede

Andei por todos lugares

Dormimos todos no
chão

E acabei ficando lá

REFRÃO

REFRÃO

Andei por todos lugares

Chegamos, não
tínhamos rede

E acabei ficando lá

Dormimos todos no
chão

Juntei todos os escravos

Oh meu Deus que
sofrimento

E lá fomos trabalhar

Tenha de nós compaixã

REFRÃO

Juntei todos os escravos

E lá fomos trabalhar

Trabalhamos, não deu
certo

Foi o jeito sair de lá

REFRÃO

Juntei todos os escravos

Com uma dor no
coração

Subimos de rio acima

Chegamos em Mazagão

Após a execução da música, os alunos ainda estarão divididos em grupos e poderão destacar a partir do documento, que é a música, os principais percalços que a população de Mazagão sofreu durante a viagem e depois de já estabelecida no seu destino final. Nesse momento também poderão ser entregues aos alunos alguns fragmentos da obra de Laurent Vidal que reforçam os elementos presentes na música:

Em 11 de março de 1769, na baía de Mazagão, uma cidade inteira se prepara para bater em retirada. Não se trata simplesmente de um exército que deixa o campo de batalha, mas de uma cidade que abandona seu espaço vital, uma sociedade urbana que se separa de seu invólucro de pedra. (VIDAL, 2008, p. 51)

Eles perderam tudo e encontraram-se doravante despossuídos, reféns da boa vontade de uma administração que lhes parece mais distante e abstrata do que nunca. Seu universo desmorona. Faz-se confuso. O mar que eles sempre consideraram nutridor e protetor (é por ele que chegam as provisões e os reforços; é para eles que se dirigem para pescar ou colher frutos do mar), esse mar lhes trouxe, no dia 8 de março, uma triste notícia: o abandono de sua fortaleza. (VIDAL, 2008, p. 68)

Com esses fragmentos de Vidal o aluno poderá refletir acerca do sentimento de tristeza e inquietude a que os mazaganistas foram submetidos, a incerteza que eles tinham sobre o novo mundo que estavam prestes a conhecer, sendo obrigados a confiar inteiramente no discurso oficial da administração portuguesa.

Finalizando esse segundo momento, os alunos, divididos em 4 grupos, discutirão coletivamente suas memórias acerca de suas próprias histórias de vida e criarão uma canção sobre suas memórias individuais e coletivas, destacando as conquistas e as dificuldades que já enfrentaram. Nesse momento o professor pode pedir para que eles destaquem também a importância da memória para a construção do trabalho que eles apresentarão.

GESTÃO DE TEMPO:

Para a execução e finalização dessa aula-oficina serão necessárias duas aulas de 50 minutos, totalizando 100 minutos.

AValiação

A avaliação será feita através da participação dos alunos durante a aula, observando os conhecimentos dos mesmos sobre a temática. O professor deverá

considerar na avaliação todos os aspectos trabalhados com os alunos, pois a avaliação será feita no processo

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12 ed. 3 reimpressão - São Paulo: Contexto, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa – 57ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GOMES, Carlos Augusto. **Luz**. Banda Placa Luminosa 2. Manifestações Culturais do Amapá. Macapá-AP, 2019

VIDAL, Laurent. **Mazagão a Cidade que atravessou o Atlântico**. São Paulo: Martins Fontes, 2008

➤ TERCEIRA PROPOSTA DE AULA-OFFICINA

TEMA: A Festa de São Tiago: narrativas, memórias e patrimônio cultural

INSTRUMENTALIZAÇÃO:

- ✓ Imagens referentes à alguns momentos da Festa retiradas do site da página da Secretaria Estadual de Comunicação (SECOM)
- ✓ Documentário intitulado: *Santo Cavaleiro*, produzido pelo IPHAN;

OBJETIVOS

- ✓ Identificar se os alunos conhecem, ouviram falar ou já assistiram a Festa de São Tiago em Mazagão Velho;
- ✓ Apresentar fontes visuais e escritas sobre a referida festa, com intuito de familiarizar os alunos com o tema, buscando discutir coletivamente os elementos que mais chamaram atenção sobre essa temática;
- ✓ Discutir a partir da Festa de São Tiago, conceitos como patrimônio cultural. Tornando possível a construção do conhecimento histórico acerca do tema;

CONCEITOS E QUESTÕES NORTEADORAS

- ✓ Quais os conhecimentos prévios dos alunos acerca da Festa de São Tiago em Mazagão Velho?
- ✓ De que forma as fontes apresentadas aos alunos podem auxiliar na percepção deles sobre a festividade analisada?
- ✓ Como problematizar a investigação dos estudantes durante a aula, trabalhando os conceitos de patrimônio cultural e memória por meio das fontes?

PRIMEIRO MOMENTO

No primeiro momento da aula, poderá ser feita uma abordagem sobre o conhecimento dos alunos a respeito da Festa de São Tiago, realizada no mês de julho em Mazagão Velho. O professor poderá lançar perguntas como:

- Já ouviram falar da Festa de São Tiago?
- Como conheceram essa festividade? Por meios televisivos, internet, presencialmente ou outros?
- O que a Festa de São Tiago retrata?

Dando sequência a aula, o professor apresentará algumas imagens da Festa de São Tiago (retiradas do site da SECOM), com o objetivo de que os alunos consigam visualizar a forma como a festa é caracterizada e a grandiosidade que envolve sua realização. As imagens 11 e 12 mostram como a mobilização da comunidade de Mazagão Velho e da comunidade externa é fator primordial para a elaboração desta festa.

Imagem 11 – Batalha entre Mouros e Cristãos



Fonte: Secretaria de Comunicação - SECOM.

Imagem 12 – Círio de São Tiago



Fonte: Secretaria de Comunicação - SECOM.

Nesse primeiro momento os alunos e o professor poderão destacar no quadro os principais elementos visuais da festa que mais chamaram a atenção. O objetivo será situar o aluno quanto ao ambiente em que a Festa de São Tiago é desenvolvida.

SEGUNDO MOMENTO

No segundo momento da aula será apresentado o documentário produzido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, intitulado: **Santo Cavaleiro**. O documentário é fruto da investigação que o IPHAN realizou na comunidade em meados de 2008 a 2011, através do Inventário Nacional de Referências Culturais-INRC, que hoje ainda não se encontra finalizado pelo instituto. Contudo, o documentário com cerca de 40 minutos e o relatório parcial do INRC apresentam fontes orais valiosíssimas para o estudo da festa.

O documentário aborda com bastante dinamismo a parte religiosa e não religiosa da festa. Ainda nesse documentário, é possível acompanhar a narrativa da festa, feita pelos próprios moradores, sempre acompanhada de cenas gravadas pelo IPHAN durante a realização da festividade. O documentário perpassa didaticamente pelos principais momentos da festa, principalmente nos acontecimentos dos dias 24 e 25 de julho, momento em que começam de fato as encenações das batalhas.

- **Entrega dos presentes:** a encenação das batalhas começa no dia 24 por volta das 15h. Nesse momento, os mouros, que já estão em guerra contra os cristãos, propõem uma trégua e entregam presentes às tropas inimigas, os presentes, na verdade, são comidas envenenadas. Os cristãos já desconfiados dão parte da comida aos cavalos, que morrem envenenados.
- **Baile de máscaras:** Ainda no dia 24 de julho, ao cair da noite, os mouros crenes que conseguiram envenenar as tropas cristãs dão um grande baile de máscaras para celebrar sua vitória. Nesse momento, os mouros convidam a população cristã para mudar de lado e reconhecer a vitória do inimigo. Alguns soldados participam da festa e alertam mulheres e crianças a não comparecerem, pois lá será realizado um contra ataque às autoridades mouras.
- **Morte do Rei Caldeira:** Ainda no baile de máscaras os cristãos levam o restante da comida envenenada e distribuem entre os inimigos, vários mouros morrem, inclusive os Rei Caldeira (líder dos mouros).

- **Trégua nas batalhas e o círio:** Na manhã do dia 25 de julho, uma pausa acontece nas batalhas para a celebração de uma missa e em seguida a comunidade percorre as principais ruas da vila em um círio. Após a realização do círio, as tropas começam a se organizar para reiniciar as batalhas, que se estenderão por toda tarde do dia 25 de julho.
- **Passagem do Bobo velho:** Por volta do meio dia, os mouros mandam um espião ao acampamento dos cristãos, para verificar como estão se organizando. Contudo, ele é descoberto e “apedrejado” pela população. Na encenação as pedras são substituídas por bagaços de laranja e o ator usa trajes especiais afim de protegê-lo de qualquer acidente.
- **Morte do Atalaia:** Os cristãos também enviam um espião ao acampamento mouro, o Atalaia. Ele consegue roubar a bandeira dos inimigos, mas é ferido por eles. Atalaia consegue chegar ao acampamento de suas tropas e alerta para o ataque mouro que está por vir, em seguida, não resiste aos ferimentos e morre.
- **Rapto das crianças:** Após a morte do Rei Caldeira, seu herdeiro, Rei Caldeirinha, ordena que suas tropas sequestram crianças cristãs afim de vende-las para comprar mais armas e munições. Ao saber de tal situação, as tropas cristãs se enfurecem e partem para o ataque ao inimigo.
- **Batalha final:** Por volta das 16h do dia 25 de julho, dão início às últimas batalhas entre mouros e cristãos. No início os mouros demonstram ter mais forças, devido a maior quantidade de armamentos e munições. Contudo, segundos os cristãos, suas tropas contam com a ajuda de Deus, e da figura de um forte guerreiro que consegue reverter a situação de quase derrota em que se encontram.
- **Aparecimento de São Tiago e vitória dos cristãos:** No meio das batalhas, São Tiago destaca-se como o cavaleiro que consegue com muita bravura derrotar as tropas mouras e aprisionar o Rei Caldeirinha, garantindo assim a vitória dos cristãos.
- **Comemoração com o canto e dança do Vominê:** Após o final das batalhas, os cristãos saem em comemoração e organizam uma festa onde dançam o Vominê (contração de “vamos neles”), é um canto e dança que

simboliza a vitória dos cristãos sobre os mouros e o fim do longo conflito entre eles.

Ao final do documentário, o professor poderá falar brevemente sobre patrimônio cultural e memória, diferenciando os elementos materiais dos imateriais da Festa de São Tiago, para que os alunos identifiquem esses elementos dentro das imagens apresentadas no documentário sobre a festa

Após a exibição do documentário e das considerações feitas pelo professor os alunos se organizarão em grupos, onde cada grupo escolherá um momento da festa para representar através de desenhos, esses desenhos podem ser organizados posteriormente em um mural feito pela turma sobre a Festa de São Tiago. Além disso, o professor pode solicitar que produzam um texto no caderno enfatizando porque podemos considerar que a Festa de São Tiago é um patrimônio cultural material e imaterial da comunidade de Mazagão Velho. Os textos podem ser discutidos na turma com o objetivo de evidenciar as percepções que os alunos têm sobre patrimônio cultural e a importância da memória para a história local.

GESTÃO DE TEMPO

A aula-oficina proposta aqui, pode ser realizada em três aulas de 50 minutos cada, totalizando 150 minutos.

AVALIAÇÃO

As atividades desenvolvidas no decorrer da aula serão levadas em consideração, pois a avaliação é sempre feita no processo, desta forma, os questionamentos, posicionamentos e os textos produzidos pelos alunos serão utilizados na avaliação qualitativa da aula.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade:** Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula.** 12 ed. 3 reimpressão - São Paulo: Contexto, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa – 57ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

IPHAN, Ministério da Cultura. **Santo cavaleiro - A Festa de São Tiago do Mazagão Velho**. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nyZA1D6JWus>.

VIDAL, Laurent. **Mazagão a Cidade que atravessou o Atlântico**. São Paulo: Martins Fontes, 2008

SECOM, Secretaria Estadual de Comunicação do Amapá. <https://www.amapa.gov.br/>.

➤ **QUARTA PROPOSTA DE AULA-OFICINA**

TEMA: O baile de Máscaras em Mazagão Velho: passado e presente

INSTRUMENTALIZAÇÃO

- ✓ Imagens sobre o baile de máscaras em Mazagão retiradas dos livros de Laurent Vidal (*Mazagão: A cidade que atravessou o Atlântico*) e Ronne Franklim Dias (*Mazagão Velho: imagem-mundo de uma festa, um baile e suas máscaras*)
- ✓ Livro *Mazagão Velho: imagem-mundo de uma festa, um baile e suas máscaras* de Ronne Franklim Carvalho Dias.
- ✓ Livro de Laurent Vidal – *Mazagão: A cidade que atravessou o atlântico*

OBJETIVOS

- ✓ Questionar juntamente com os alunos se eles já participaram de um baile de máscaras ou se já viram em algum meio de comunicação;
- ✓ Identificar através das imagens apresentadas os elementos que mais despertam a curiosidade no aluno;
- ✓ Discutir conceitos de passado e presente a partir das máscaras de Mazagão Velho para contextualizar a Festa de São Tiago;
- ✓ Propor a construção de máscaras na sala de aula, de modo que possam expressar o que os alunos compreenderam sobre a Festa de São Tiago e suas identidades culturais;

CONCEITOS E QUESTÕES PROBLEMATIZADORAS

- ✓ O que compreendem acerca da importância das máscaras para a Festa de São Tiago?

- ✓ Quais os conhecimentos prévios dos alunos sobre um baile de máscaras? E o como imaginam que seja o baile de máscaras em Mazagão Velho?
- ✓ Quais elementos apresentados nas imagens que mais chamaram a atenção dos alunos?
- ✓ Como os alunos percebem os conceitos de passado e presente a partir das máscaras utilizadas no Baile de Máscaras em Mazagão Velho?
- ✓ De que maneiras os alunos podem colocar em prática as suas percepções sobre identidade cultural através da construção de máscaras na sala de aula;

PRIMEIRO MOMENTO

Inicialmente o professor poderá lançar questionamentos acerca da palavra |máscara, pedindo para que os alunos exponham o que inicialmente vêm na mente quando escutam tal palavra. Em seguida o professor pode indagar também o que eles conhecem a respeito de um baile de máscaras, se eles já participaram de algum ou já viram pela televisão ou internet. Nesse momento o professor pode verificar qual o nível de entendimento dos alunos sobre a temática a ser abordada na aula.

SEGUNDO MOMENTO

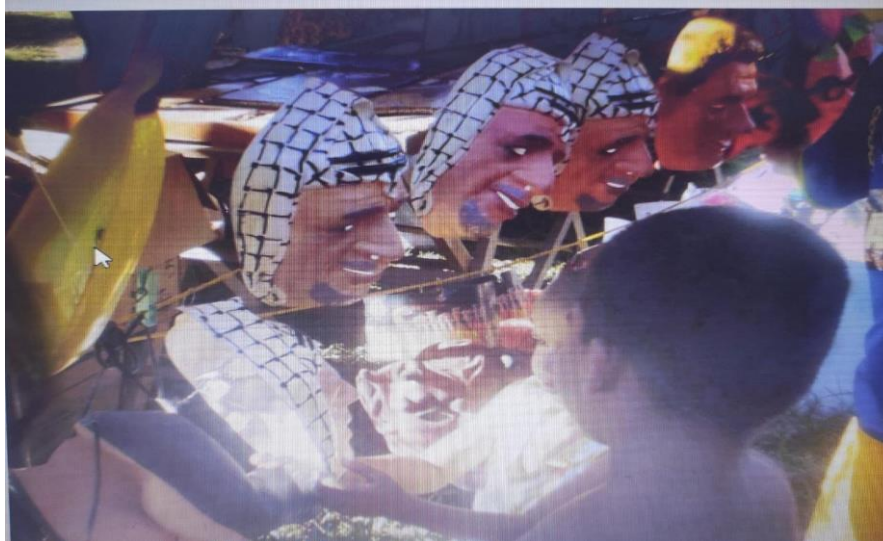
No segundo momento da aula, o professor apresentará algumas imagens sobre o baile de máscaras, que acontece dentro da Festa de São Tiago em Mazagão Velho. É importante apresentar imagens de diferentes momentos, para que eles percebam as modificações que a festa sofreu ao longo dos seus mais de dois séculos de realização.

Imagem 13 – Máscaras artesanais produzidas pelos moradores de Mazagão Velho



Fonte: Livro *Mazagão Velho: imagem-mundo de uma festa, um baile e suas máscaras* de Ronne Franklim Carvalho Dias

Imagem 14 – Máscaras industrializadas vendidas durante a Festa de São Tiago



Fonte: Livro de Laurent Vidal – *Mazagão: A cidade que atravessou o Atlântico*

Após discutir aspectos visuais das imagens, os alunos poderão destacar:

- Quais diferenças os alunos perceberam sobre a confecção das máscaras ao longo dos tempos?
- Quais modelos são usados na festa?

Nesse momento o professor pode destacar que as máscaras podem tanto ser confeccionadas individualmente pelos brincantes ou compradas de vendedores que oferecem o produto industrializado para a comunidade.

Sobre a temática a ser trabalhada nessa aula-oficina, é muito importante que o professor tenha a leitura do livro: *Mazagão Velho: imagem-mundo de uma festa, um baile e suas máscaras* de Ronne Franklim Carvalho Dias. Nesse trabalho é possível compreender como as máscaras podem caracterizar a história da festa e ao mesmo tempo trazer um paralelo com o presente, cheio de novidades e transformações tanto em Mazagão Velho quanto no mundo.

É importante destacar para os estudantes alguns aspectos que sofreram transformações, a exemplo das máscaras que oscilam também entre o tradicional e o moderno, pois, enquanto uns usam as comuns máscaras de papel, outros usam máscaras modernas confeccionadas em plástico ou borracha, com personagens como caveiras, *O grito*, além de personalidades da política internacional como *Jorge W. Bush*. Assim, percebe-se que na atual Festa de São Tiago “o moderno vem reforçar o tradicional, a atualidade vem resgatar a história lendária, quando não o contrário”. (VIDAL, 2008, p. 263)

Ainda no segundo momento da aula, o professor poderá trabalhar de forma expositiva dialogada a respeito do que é o baile de máscaras, tendo como fundamentos as obras citadas acima (Dias, 2009) e (Vidal, 2008). Após a breve apresentação do conteúdo pelo professor sobre o baile de máscaras e sua importância dentro da Festa de São Tiago em Mazagão Velho, os alunos podem se dividir em grupos para discutir como o baile de máscaras pode representar um elemento capaz de dialogar com o passado e o presente da festa. O trabalho em grupo é sempre produtivo no momento da aula oficina, pois as discussões coletivas podem deixar os alunos mais à vontade para participarem ativamente da aula, usando suas percepções sobre o conteúdo discutido. Após as discussões em grupo, o aluno pode registrar no caderno as principais percepções sobre o passado e o presente da festa a partir das análises das máscaras.

TERCEIRO MOMENTO

Em um terceiro momento, professor poderá propor uma oficina de confecção de máscaras artesanais. O objetivo dessa atividade é que os alunos possam expressar através das máscaras a percepção que eles tiveram a respeito da aula. É importante que o

professor destaque para a turma que as máscaras devem apresentar características da identidade pessoal de cada um deles, dialogando com as mudanças sociais que eles percebem no mundo.

Essa aula pode ser construída com a ajuda de um professor de artes, pois, pode-se trabalhar os conteúdos relacionados à história e também determinados conceitos artísticos. Desta forma, essa proposta de aula pode trazer um desafio de se construir uma aula interdisciplinar, que busque a interação social entre os alunos e os professores envolvidos.

GESTÃO DE TEMPO

Para a realização dessa aula-oficina serão necessários 150 minutos, ou seja, três aulas de 50 minutos cada.

AVALIAÇÃO

Considerar na avaliação todos os aspectos trabalhados com os alunos, pois a avaliação será feita no processo.

REFERÊNCIAS

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12 ed. 3 reimpressão - São Paulo: Contexto, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa – 57ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

VIDAL, Laurent. **Mazagão a Cidade que atravessou o Atlântico**. São Paulo: Martins Fontes, 2008

DIAS, Ronne Franklim Carvalho. **Mazagão Velho**: imagem-mundo de uma festa, um baile e suas máscaras. Goiás:Universidade Federal de Goiás: 2009

As propostas de aula-oficinas apresentadas nesse trabalho, objetivam contribuir para maior interação entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem, instigando o uso de documentos históricos de diferentes tipos, para que o aluno tenha esse contato mais próximo com as fontes e assim consiga construir o seu conhecimento de

forma autônoma e problematizadora. Portanto, o presente trabalho visa abrir possibilidades para a problematização das fontes e o levantamento de indagações acerca da própria história e do ensino de história.

Os desafios do professor de história na atualidade são muitos, os tipos de currículos para se trabalhar em sala de aula, as constantes modificações na legislação educacional são apenas alguns na trajetória de um professor. Temas ligados a história e cultura local já são bastante escassos nos livros didáticos, por isso a importância da construção de trabalhos como esse, para que nós professores possamos nos valer de bibliografias que nos auxiliem na construção de aulas mais interessantes e problematizadoras para nossos alunos.

A Festa de São Tiago é um patrimônio cultural do povo mazaganense, mesmo que ainda não tenha sido tombada pelo IPHAN, encontra-se em processo de estudo e logo será oficialmente um patrimônio do Amapá. Lembrando que patrimônio não é apenas algo considerado por órgãos oficiais, e sim bens e eventos consagrados pela comunidade que o produz e pelas pessoas interessadas em pesquisa-los, estudá-los para assim, criar mecanismos de preservação para esses importantes bens que a sociedade como um todo possui.

No contexto da educação e preservação do patrimônio cultural, as aulas de história são excelentes ambientes para discussões dessas questões. Ainda nessa perspectiva, a aula-oficina é uma metodologia ativa que proporciona o protagonismo do aluno na sala de aula. Essa proposta metodológica rompe os tradicionais métodos de ensino em que o professor é o único detentor do conhecimento e o aluno é um mero expectador do processo de aprendizagem. A aula-oficina é uma importante metodologia ativa pois fornece a autonomia necessária para questionar e problematizar os temas discutidos em sala e compreender criticamente a sociedade que o cerca.

Dessa forma, esse trabalho teve como objetivo discutir temas ligados ao ensino de história e cultura local, a partir de uma perspectiva crítica e problematizadora em sala de aula, trazendo o aluno para o centro do processo de aprendizagem e utilizando as aulas-oficinas como metodologia ativa para esse objetivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste trabalho buscou evidenciar como a Festa de São Tiago é um significativo tema para se trabalhar cultura, memória e patrimônio em sala de aula. Dessa forma, podemos entender que ela está carregada de significados para a comunidade que a realiza. Para alcançar os objetivos da pesquisa utilizamos fontes que evidenciassem os aspectos históricos da festa, juntamente com as transformações que a festa sofreu nos últimos anos.

Ao abordar a Festa de São Tiago como importante patrimônio cultural local, o trabalho discutiu os conceitos de patrimônio material e imaterial e como a festa possui elementos dessas duas culturas, além de mostrar o quanto essa festividade representa para a história local, a pesquisa destacou como Mazagão Velho e a Festa de São Tiago podem ser considerados bens culturais de extrema valia para a sociedade amapaense.

No decorrer do trabalho analisamos também como a festa sofreu sucessivas transformações em seus aspectos visuais, transformações estas que evidenciam como essa festa conseguiu atravessar os séculos e manter-se viva até hoje. Além disso, a pesquisa discutiu também os conceitos de memória e identidade que contribuíram para a construção de um ensino de história mais voltado para os saberes que os alunos carregam consigo no decorrer de suas caminhadas. As potencialidades da festa para o ensino de história são muitas e ajudam o professor em sua missão de construir coletivamente um ensino de história mais problematizador e consciente.

O final dessa pesquisa culminou na apresentação de quatro propostas de aula-oficina com temáticas sobre a Festa de São Tiago, onde discutiu temas como memória, identidade cultural, história local, o baile de máscaras e sua importância tanto no passado como no presente. As aulas-oficinas apresentadas foram desenvolvidas a partir das leituras dos textos de Isabel Barca que as considera como um tipo de aula que rompe com os tradicionalismos teóricos e metodológicos do ensino de história.

O objetivo deste trabalho era propor uma metodologia de ensino que abordasse aspectos do patrimônio cultural e da história local visando dinamizar a aula de história para professores e alunos. Os objetivos mencionados no decorrer do trabalho podem ser alcançados com a utilização das aulas oficinas, pois a partir da utilização dela em sala de aula, novas metodologias e abordagens podem ser utilizadas para tornar o aluno o protagonista do seu processo de ensino-aprendizagem. É importante também para o

professor que poderá desenvolver a partir da utilização das fontes o senso crítico e criativo dos alunos, levando sempre em consideração os conhecimentos de mundo que os alunos já possuem sobre determinada temática.

A intenção inicial desta pesquisa era destacar as potencialidades da Festa de São Tiago para o estudo da história local, criando metodologias que abordem de maneira crítica e os conceitos que cercam essa festividade. Por fim, podemos destacar que a Festa de São Tiago é para os moradores de Mazagão Velho um constante diálogo entre o passado e o presente, e pode ser para professores e alunos um caminho para o estudo do patrimônio cultural local, de maneira crítica, criativa e prazerosa, abordando conceitos como memória e identidade cultural e como esses conceitos podem ser discutidos de forma crítica e problematizada dentro da aula de história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Gabriel Fleck de. O museu e a praça: educação patrimonial e ensino de história. In: GIL, Carmem Zeli de Vargas; TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski (orgs.). **Patrimônio cultural e ensino de história**. Porto Alegre, RS: Eldebra, 2014, p. 137-147

ALBERTI, Verena. **Tratamento das entrevistas de história oral no CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

ALBUQUERQUE, Marcos Antônio Gomes de Mattos de. Remanescentes materiais do período pombalino no Amapá. **Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação**, 2007. Vol. 1, No. 6, p. 313-319.

ALMEIDA, Fabiana Rodrigues de; MIRANDA, Sônia Regina. Memória e História em livros didáticos de História: o PNLD em perspectiva. **Educar em revista**, Curitiba, Brasil, n. 46, p. 259-283, editora UFPR out/dez, 2012.

AMARAL, Alexandre; et all (orgs). **Do lado de cá**: fragmentos de história do Amapá. Belém: Açai, 2011.

ANUNCIAÇÃO, Ana Paula; SPERANDIO, Amábile. Aula-oficina: Uma proposta de utilização de documentos Históricos em sala de aula. **História & Ensino**, Londrina, v. 18, p. 131-156, Especial, 2012

ARAÚJO, Renata Malcher de. **As Cidades da Amazônia no Século XVIII Belém, Macapá e Mazagão**. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1998. 356p.

ASSUNÇÃO, Paulo de. Mazagão: cidades em dois continentes. **usjt - arq.urb** - número 2/ segundo semestre de 2009. 55p.

BARBOSA, Colares et all. O ENEM e a subsunção do ensino de História do Amapá, entre 1998 e 2015. **Revista Fronteiras e Debates**. 2017 v.4 n.2, p.179-196.

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. **Para uma educação de qualidade**: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144

_____. Investigação em Educação Histórica: fundamentos, percursos e perspectivas. In OLIVERIA, Margarida Maria Dias de; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Almir Félix Batista de. (Org.). **Ensino de história**: múltiplos ensinos em múltiplos espaços. Natal, RN: EDFURN, 2008.

BARROS, Carlos Henrique Farias de. Ensino de história, memória e história local. **Criar Educação – Revista do Programa de Pós-graduação em Educação – UNESC**. Florianópolis, Ediunidesc. v.2 n.2, 2013.

BECK, Ulrich, GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. **Modernidade Reflexiva**: trabalho e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.

BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12 ed. 3 reimpressão - São Paulo: Contexto, 2017.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. trad. – Fernando Tomaz. 9º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BOYER, Veronique. Passado português, presente negro e indizibilidade ameríndia: o caso de Mazagão Velho. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 28(2): 11-29, 2008.

BRITO, Edson Machado. O presidio de Clevelandia do Norte: a imprensa e as disputas políticas. In: AMARAL, Alexandre; et all (orgs). **Do lado de cá**: fragmentos de história do Amapá. Belém: Açai, 2011, p. 201-2918

CAPONERO, Maria Cristina; LEITE, Edson. Inter-relações entre festas populares, Políticas públicas, patrimônio imaterial e turismo. **Revista Eletrônica Patrimônio: Lazer & Turismo**. Mestrado em Gestão de Negócios, Universidade Católica de Santos, 2010, p. 99-113

CARDOSO, Ciro Flamarion, RONALDO, Vainfas (orgs.). **Domínios Da História**: Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio De Janeiro: Campos, 1997.

CARDOZO, Poliana Fabiula; MELO, Alessandro de. Patrimônio, turismo cultural e educação patrimonial. **Educ. Soc.** Campinas, v. 36, nº. 133, p. 1059-1075, out.-dez., 2015.

CARLE, Cláudio Baptista; FARINHA, Alessandra Buriol. A diversidade religiosa e o patrimônio imaterial: navegantes e iemanjá em pelotas – RS. **Revista expressa extensão, 2014**

CASTRO, Hebe. História social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, RONALDO, Vainfas (orgs). **Domínios Da História**: Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio De Janeiro: Campos, 1997, p. 45-60.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa/Difel; Rio de Janeiro/Bertrand, 1990.

CIAMPI, Helenice. Os desafios da história local. In: GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; MONTEIRO, Ana Maria F.C.(orgs.). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, p. 199-214

COSTA, Antônio Gilberto. **Rochas e Histórias do Patrimônio Cultural do Brasil e de Minas**. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2009. 291p.

COSTA, Paulo Cambraia. **Na ilharga da fortaleza, logo ali na beira, lá tem um regatão**: os significados dos regatões na vida do Amapá - 1945 à 1970. Belém :Açai, 2008.

DELGADO, Andréa Ferreira; SILVA, Monica Martins. Ensino de história e educação patrimonial: experiências de ensino e pesquisa na educação básica. In: GIL, Carmem Zeli de Vargas; TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. **Patrimônio cultural e ensino de história (orgs)**. Porto Alegre, RS: Eldebra, 2014, p. 71-90

DIAS, Ronne Franklim Carvalho. **Mazagão Velho**: imagem-mundo de uma festa, um baile e suas máscaras. Goiás: Universidade Federal de Goiás: 2009.

DIAS, Liliana Eliete dos Santos Patrício. **A Metodologia da Aula-Oficina no Ensino da História e da Geografia**: Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da História e da Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Dissertação (Mestrado em Ensino da História e da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade de Nova Lisboa, 2014

FONSECA, Tania Mara Galli. **Gênero, subjetividade e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa – 57ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, Laís Cristiane Martins. **História indígena e a utilização de fontes do século XVIII na pesquisa e no ensino de história**: uma experiência em aulas-oficina com estudantes do ensino fundamental de Macapá (Amapá). Trabalho de conclusão de curso em História da Universidade Federal do Amapá. Macapá-AP, 2018

GAGO, Marília. **A aula-oficina na caminhada de aprender a ser professor de história**. Seção Temática Aprendizagem histórica e formação de professores: contribuições da pesquisa em educação histórica. Joaçaba, v.45, p.1-18, jan./dez. 2020.

GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; MONTEIRO, Ana Maria F.C. (orgs.). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

GASTAL, Susana de Araújo; GUTERRES, Liliane Stanisçuaski; MACHIAVELLI, Mariana Schwaab. Festa Temática: da tradição à modernidade. **Revista Turismo em Análise**. Vol. 24, n. 2, 2013.

GIL, Carmem Zeli de Vargas; TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. **Patrimônio cultural e ensino de história (orgs)**. Porto Alegre, RS: Eldebra, 2014.

GONÇALVES, Marcia de Almeida. História Local: o reconhecimento da identidade pelo caminho da insignificância. In: GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; MONTEIRO, Ana Maria F.C.(orgs.). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, p. 175-198

GUIMARÃES, Maria de Fatima; PAIM, Elison Antônio. História e patrimônios regionais: construindo e registrando saberes e práticas. In: GIL, Carmem Zeli de Vargas; TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. **Patrimônio cultural e ensino de história (orgs)**. Porto Alegre, RS: Eldebra, 2014, p. 91-110

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 9º Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HERMANN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, RONALDO, Vainfas (orgs.). **Domínios Da História**: Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio De Janeiro: Campos, 1997, p. 320-354.

HOBBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos**: O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia. das Letras, 1995

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Patrimônio Cultural Imaterial**: para saber mais. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 3. ed. Brasília: Iphan, 2012.

LIMA, Vania de. **Proposta de aula-oficina para o ensino de História Local no Ensino Fundamental de Londrina**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Maringá-PR: Universidade Estadual de Maringá, 2018.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nós e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo; Contexto, 2005, p. 111-153.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1989.

MARIN, Rosa Acevedo. Propriedade e estagnação de Macapá colonial: a experiência dos colonos. In: GOMES, Flávio dos S (org.). **Nas terras do Cabo Norte**: fronteiras, colonização e escravidão na Guiana brasileira, séculos XVIII-XIX. Belém: Editora universitária/UFPA, 1999.

MARTINS, Ismênia de Lima. História e Ensino de História: memória e identidades sociais. In: GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; MONTEIRO, Ana Maria F.C.(orgs.). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, p. 13-22

MARTINS, Maria Cristina Bohn. **Sobre festas e celebrações**: as reduções do Paraguai (Séculos XVII e XVIII). Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo; Porto Alegre: ANPUH 2006.

MEDEIROS, Daniel Hortêncio. **Manuais didáticos e formação da consciência histórica**. Educar. Curitiba, p. 73-92, Editora UFPR, 2006

MEDEIROS, Daniel Hortêncio. **A formação da consciência histórica como objetivo do ensino de história no ensino médio**. Tese de doutorado em educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

MEGALE, Vanessa Junqueira. **As manifestações religiosas e o turismo na festa de nossa senhora do rosário na cidade de Silvanópolis – MG**: práticas e atividades sócio – culturais. Dissertação (mestrado) – Centro Universitário UNA, programa de mestrado em turismo e meio ambiente. Belo horizonte, 2007

MONTEIRO, Ana Maria. Narrativas e narradores no ensino de história. In: GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; MONTEIRO, Ana Maria F.C.(orgs.). **Ensino de História**: sujeitos, saberes e práticas. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, p. 119-136

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**: A cultura popular revisitada. 6º edição. 1º reimpressão, São Paulo: Contexto 2010.

MOTINHA, Katy Eliana Ferreira. Vila nova de Mazagão: Espelho de cultura e sociabilidade portuguesa no vale amazônico. In: **Actas do Congresso Internacional Espaço Atlântico de Antigo Regime**: poderes e sociedades, 2005. Disponível em <http://cvc.instituto-camoes.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=76&Itemid=69>

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revista brasileira educ.** Campinas – SP, v. 12, n. 3, p. 179-197, set/dez, 2012

OLIVEIRA, Tatiana Pantoja. A voz de Deus o lar amapaense: potencialidades de pesquisa no jornal A Voz Católica. In: AMARAL, Alexandre; et all (orgs). **Do lado de cá: fragmentos de história do Amapá**. Belém: Açai, 2011, p. 219-238.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. . In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12 ed. 3 reimpressão - São Paulo: Contexto, 2017, p. 128-148.

PAIVA, José Pedro. Etiqueta e cerimônias públicas na esfera da igreja (séculos XVII - XVIII). In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (orgs). **Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa**. Volume I. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial, 2001.

RABELO, Benedito Vitor. **Mazagão: realidades que devem ser conhecidas**. Macapá: IEPA, 2005.

RIBEIRO, Karina Nymara. As tradições que narram o passado: trajetória, resistências, memórias e narrativas. **XIV Encontro Nacional de História Oral**. UNICAMP – SP, Maio de 2018

_____. **A igreja, a casa e o culto aos santos: as esculturas sacras mazaganenses que atravessaram o Atlântico**. Dissertação de Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural do Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural – IPHAN, Rio de Janeiro, 2016.

SALIBA, Elias Thomé. Experiências e representações sociais: reflexões sobre o uso e o consumo de imagens. In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12 ed. 3 reimpressão - São Paulo: Contexto, 2017, p. 117-127.

SANTOS, Francisco Jorge dos. **Nos confins ocidentais da Amazônia portuguesa: mando metropolitano e prática do poder régio na Capitania do Rio Negro no século XVIII**. Manaus: UFAM, 2012.

SANTOS, Fabricio Barroso. **O livro didático no ensino de história: entre praticas historiográficas e narrativas docentes**. Dissertação de mestrado – PROFHISTÓRIA – Universidade Federal do Tocantins, 2016.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. . In: BITTENCOURT, Circe (org.). **O saber histórico na sala de aula**. 12 ed. 3 reimpressão - São Paulo: Contexto, 2017, p. 54-68.

_____. O ensino de história local e os desafios da formação da consciência histórica. In: GASPARELLO, Arlette Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza; MONTEIRO, Ana Maria F.C.(orgs.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007, p. 187-198

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVA, Maria Carneira da; TAVIM, José Alberto R. Silva. Marrocos no Brasil; Mazagão (Velho) do Amapá – a festa de São Tiago. **Actas do Congresso Internacional Espaço Atlântico de Antigo Regime: poderes e sociedades**. 2005. Disponível em: http://cvc.instituto-camoes.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=76&Itemid=69.

SILVA, Isaíde Bandeira. O livro didático de história: escolhas, usos e percepções de professores e alunos no cotidiano escolar. **Educação e Filosofia**. Uberlândia, v.26, n. 52, p. 565-597, jul/dez, 2012

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo na terra de Santa Cruz**: Feitiçaria e religiosidade no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SOUZA, Milena Duarte de; ANDRADE, Rúbia Nogueira de. O povoamento do Norte do Brasil no Período Pombalino: o caso de Mazagão. **Portal do São Francisco - Revista do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco**, Belém do São Francisco. Ano IV, Vale do São Francisco: CESVASF, 2005.

STEPHANOU, Maria. Evidências da história, memórias entretidas: experiências e novas aproximações educativas em torno do patrimônio. In: GIL, Carmem Zeli de Vargas; TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. **Patrimônio cultural e ensino de história (orgs)**. Porto Alegre, RS: Eldebra, 2014, p. 11-22

TALAMINI, Jaqueline Lesiniovski. **O uso do livro didático de história nas séries iniciais do ensino fundamental**: a relação dos professores com os conceitos presentes nos manuais. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Paraná, setor de educação – Curitiba, 2009

VIDAL, Laurent. **Mazagão a Cidade que atravessou o Atlântico**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.